

ASSASSIN'S —CREED—

BANDEIRA NEGRA

OLIVER BOWDEN



Tradução de João Félix

PARTE I

1719 (ou perto disso)

Uma vez cortei o nariz a um homem. Não me lembro exatamente quando foi — 1719 ou perto disso. Nem onde. Mas aconteceu durante um ataque a um brigue espanhol. Queríamos os seus mantimentos, obviamente. Tenho orgulho em manter o *Jackdaw* bem aprovisionado. Mas havia outra coisa a bordo. Algo que não tínhamos mas de que precisávamos. *Alguém*, para ser mais exato. Um cozinheiro de bordo.

O nosso próprio cozinheiro de bordo e o seu ajudante estavam mortos. O ajudante fora apanhado a mijar no lastro, coisa que eu não permitia, por isso foi castigado da forma tradicional; foi obrigado a beber uma caneca do mijo da tripulação. Devo admitir que nunca me tinha acontecido o castigo da caneca de mijo chegar a matar o homem, mas foi isso que aconteceu com o ajudante de cozinha. Bebeu a caneca de mijo, foi dormir nessa noite e nunca chegou a acordar. O cozinheiro safou-se sozinho durante algum tempo, mas gostava do seu copo de rum e, depois de um copo de rum, tinha a tendência para ir apanhar o ar noturno na popa. Costumava ouvi-lo no teto da minha cabine a andar de um lado para o outro, a fazer sapateado. Até que uma noite ouvi-o no teto da minha cabine a andar de um lado para o outro e a fazer sapateado — seguido de um grito e um *splash*.

O sino tocou e a tripulação correu para o convés onde largámos âncora e acendemos lanternas e tochas, mas não havia sinais do cozinheiro. Tinham rapazes a trabalhar com eles, é claro, mas eram apenas ra-

pazes; nenhum deles sabia fazer nada de culinário para além de mexer a panela ou descascar batatas, e andávamos a viver de comida crua desde então. Nenhum, entre nós, sabia sequer pôr uma panela de água a ferver.

Então, pouco tempo antes, tínhamo-nos apoderado de um navio de guerra. Fora uma pequena e apetitosa excursão da qual arrebatámos uma bateria de canhões de costado novinhos em folha e um porão cheio de artilharia: sabres, piques, mosquetes, pistolas, pólvora e balas. Descobri por um dos tripulantes capturados, que depois se tornou *meu* tripulante, que os Dons tinham um navio de abastecimento em específico onde servia um cozinheiro particularmente habilidoso. Dizia-se que ele havia sido cozinheiro na corte, mas ofendeu a rainha e foi banido. Não acreditei numa única palavra, mas isso não me impediu de as repetir, contando à tripulação que haveríamos de o ter a preparar as nossas refeições antes do final da semana. E assim foi que tomámos como desígnio caçar este brigue em específico e, quando o encontrámos, atacámo-lo sem demora.

A nossa nova bateria de canhões de costado veio a calhar. Flanqueámo-los e cobrimos o brigue com balas até ceder, a vela feita num trapo e o mastro estilhaçado na água.

O barco já estava a adernar quando a minha tripulação se amarrou e o abordou, fazendo rombos nos seus flancos como ratos, o ar intenso do pivete a pólvora, o som de mosquetes a estalar e os sabres já a tinir. Eu estava entre eles como sempre, de sabre numa mão e a minha lâmina oculta engatilhada; o sabre para o duelo, a lâmina para acabar corpo a corpo. Dois deles lançaram-se contra mim e despachei o primeiro trespassando o topo da sua cabeça com o meu sabre, cortando o seu tricórnio ao meio quando a lâmina quase retalhou a cabeça em dois. Caiu de joelhos com a lâmina da minha espada no meio dos olhos mas o problema era que eu a tinha enterrado em demasia e, quando tentei soltá-la, o seu corpo contorcido veio atrás. Agora, o segundo homem estava sobre mim, com um olhar aterrorizado, obviamente pouco acostumado a lutar. Com um revirar da lâmina, arranquei-lhe o nariz, o que provocou o efeito desejado de o atirar para trás com sangue a jorrar do buraco onde era o seu bico. Entretanto, usei as duas mãos para finalmente arrancar o meu sabre do crânio do primeiro atacante e continuar a lutar. Terminou pouco depois, com o mínimo de mortes na tripulação deles devido à minha indicação específica de, em circunstância alguma, atingirem o cozinheiro. «Acontecesse o que acontecesse», dissera eu, «tínhamos de apanhar o cozinheiro vivo».

E à medida que o brigue deles desaparecia para debaixo de água e nós navegávamos para longe, deixando para trás uma nuvem de fumo de pólvora e um mar de estilhaços de casco e bocados ondulantes do

navio destruído, reunimos a tripulação no convés principal para revelar o cozinheiro. Não havia um de nós sem estar a salivar, com o estômago a roncar. O aspeto bem alimentado deles não nos escapava. Nem pensar.

Tinha sido Caroline a ensinar-me a apreciar a boa comida. Caroline, o meu verdadeiro amor. No tempo demasiado curto que passámos juntos, ela havia refinado o meu palato. Gostava de pensar que ela aprovaria a minha política relativamente ao repasto e como eu tinha transmitido à tripulação o gosto pelas coisas requintadas. Eu sabia que, devido em parte ao que ela me mostrara, um homem bem alimentado é um homem feliz e um homem feliz é alguém menos propenso a questionar a autoridade do navio, razão pela qual eu nunca tivera nem uma ponta de motins durante todos aqueles anos. Nem um.

— Aqui estou eu — disse ele, dando um passo em frente. Tirando que parecia mais que tinha dito “Afi ftou eu”, devido à cara coberta de ligaduras por causa de algum idiota lhe ter cortado o nariz.

1711

Mas, seja como for, onde ia eu? *Caroline*. Querias saber como eu a conheci.

Bom, como se costuma dizer, isso é uma grande história. É mesmo uma grande história. Para isso, tenho de ir muito atrás, até uma altura em que eu era um mero pastor de ovelhas, antes de saber fosse o que fosse sobre Assassinos ou Templários, sobre Barba Negra, Benjamin Hornigold, sobre Nassau ou o Observatório e talvez tivesse assim permanecido se não fosse por um encontro acidental no Auld Shillelagh num dia quente de verão em 1711.

Acontece que eu era um daqueles arruaceiros que gostam de beber, apesar de isso me meter em algumas zaragatas. Bastantes... “incidentes”, digamos assim, dos quais não me orgulho muito. Mas é esse o preço a pagar por abusar um pouco da bebida; é raro encontrar um alcoólico de consciência tranquila. A maioria de nós já pensou em algum momento acabar de vez, mudar de vida e talvez virarmo-nos para Deus ou tentarmos ser alguém. Mas depois chega o meio-dia e sabes que uma bebida te fazia bem à cabeça, por isso diriges-te para a taberna.

As tabernas a que me refiro eram em Bristol, na costa sudoeste da boa velha Inglaterra, onde estávamos habituados a invernos rigorosos e verões gloriosos. Nesse ano em particular, o ano em que a encontrei, 1711, como dizia eu, tinha apenas dezassete anos.

E sim, estava bêbado quando aconteceu. Confesso que nessa altura andava bêbado na maior parte do tempo. Talvez... bom, não exagere-

mos, não quero dar uma má impressão de mim mesmo. Mas talvez metade do tempo. Talvez um pouco mais.

Vivia nos arredores de uma aldeia chamada Hatherton, a onze quilómetros de Bristol, onde tínhamos uma pequena quinta com ovelhas. O meu pai apenas queria saber do gado. Tinha sido sempre assim, por isso o meu contributo libertava-o da parte do negócio que ele mais abominava, que era fazer as viagens para a cidade com a mercadoria, regatear com os comerciantes e mercadores, pechinchar, fazer negócios. Assim que tive idade, que é como quem diz, assim que era homem o suficiente para encarar os nossos parceiros de negócios e fazer comércio como igual, bom, então foi isso que eu fiz. E o meu pai não podia ficar mais satisfeito por me deixar fazê-lo.

O nome de meu pai era Bernard. A minha mãe era Linette. Eram oriundos de Swansea, mas encaminharam-se para o sudoeste de Inglaterra quando eu tinha dez anos de idade. Ainda tínhamos o sotaque de Gales. Julgo que não me importava muito que isso nos tornasse diferentes. Eu era um pastor, não uma ovelha do rebanho.

O meu pai e a minha mãe costumavam dizer que eu tinha o dom da palavra, e a mãe em particular costumava dizer-me que eu era um rapaz bem-parecido, que levava sempre a água ao meu moinho. E é verdade que, modéstia à parte, eu tinha jeito com as mulheres. Digamos que fazer negócio com as esposas dos comerciantes era um terreno de caça mais proveitoso do que ter de pechinchar com os maridos.

A maneira como eu gastava os dias dependia da estação. De janeiro a março era a época do nascimento dos borregos. Era a altura do ano mais movimentada, quando eu dava por mim nos celeiros logo de madrugada, com ou sem sono, para verificar se alguma ovelha tinha parido durante a noite. Se tivessem, então eram levadas para um dos celeiros mais pequenos e colocadas em currais, chamávamos-lhes *jarros de parição*. Aqui, o meu pai assumia o controlo enquanto eu limpava os comedouros, enchia-os novamente e mudava o feno e a água e a minha mãe registava diligentemente os detalhes dos novos nascimentos num diário. Nessa altura ainda não sabia escrever. Agora sei, é claro. Caroline ensinou-me juntamente com muitas outras coisas que me fizeram num homem. Mas na altura não sabia, logo esse dever recaía sobre a mãe, cujo conhecimento de letras não era muito melhor, mas o suficiente para pelo menos manter um registo.

A mãe e o pai adoravam trabalhar juntos. Era mais um motivo para o pai gostar de ser eu a ir à cidade. Ele e a minha mãe pareciam siameses. Nunca vi nenhum outro casal tão apaixonado e com tão pouca necessi-

dade de o demonstrar. Estava à vista que viviam um para o outro. Vê-los fazia bem à alma.

No outono levávamos os carneiros a pastar com as ovelhas para procriarem mais borregos para a primavera seguinte. Os campos tinham de ser cuidados, as vedações e muros tinham de ser construídos e reparados.

No inverno, se o tempo estivesse muito mau, trazíamos as ovelhas para dentro dos celeiros, mantínhamo-las quentes e a salvo, prontas para janeiro quando começava a época de parir.

Mas era durante o verão que eu me sentia bem. A época da tosquia. A mãe e o pai faziam a maior parte do trabalho enquanto eu fazia viagens mais frequentes para a cidade, sem carcaças para carne, mas com a minha carroça carregada de lã. E no verão, com ainda mais oportunidade de o fazer, dava por mim a frequentar as tabernas locais cada vez mais. Pode-se até dizer que me tornei num conhecido das tabernas, com o meu colete abotoado, culotes, meias brancas e um tricórnio castanho e um pouco batido que eu gostava de pensar que fazia a minha imagem de marca porque a minha mãe me dissera que ficava bem com o meu cabelo (que estava permanentemente a precisar de um corte, mas tinha uma cor amarelada impressionante, modéstia à parte).

Foi nas tabernas que descobri que o meu dom da palavra melhorava depois de umas cervejas ao meio-dia. A bebida tem esse efeito, não tem? Solta a língua, as inibições, a moral... Não é que eu fosse propriamente tímido e introvertido quando estava sóbrio, mas a cerveja dava-me aquela vantagem extra. E, afinal de contas, o dinheiro das vendas acrescentadas devido à inspiração da cerveja cobria largamente o custo da cerveja em si. Ou, pelo menos, era do que eu me convencera na altura.

E também havia mais uma coisa, para além da ideia idiota de que o Edward com os copos era melhor vendedor que Edward sóbrio. Essa coisa era o meu estado de espírito.

Porque a verdade era que eu me achava diferente. Não, eu *sabia* que era diferente. Havia alturas em que eu me sentava sozinho durante a noite e sabia que estava a ver o mundo de uma forma só minha. Sei agora o que é, mas na altura não conseguia expressá-lo por palavras, apenas dizia que me sentia diferente.

Fosse por causa disso ou apesar disso, decidi que não queria ser pastor a vida toda. Soube-o no primeiro dia em que pus o pé na quinta como empregado e não como criança. Olhei para mim, depois para o meu pai e percebi que já não estava ali para brincar e rapidamente iria para casa a sonhar com um futuro a navegar para o alto-mar. Não, era este o meu futuro, e iria passar o resto da minha vida como pastor, trabalhar para

o meu pai, casar com uma rapariga da terra, ter filhos e ensiná-los a tornarem-se pastores, tal como o pai deles, tal como o seu avô. Vi o resto da minha vida diante de mim, como a roupa de trabalho limpa estendida numa cama, e, em vez de sentir o calor de um contentamento e felicidade por saber disso, a ideia aterrorizava-me.

A verdade era que, e não há forma de dizê-lo com mais gentileza, peço desculpa Pai, que Deus te tenha, mas eu odiava o meu trabalho. E depois de algumas cervejas, bom, tudo o que posso dizer é que o odiava menos. Estaria eu a bloquear os meus sonhos desfeitos com a bebida? Provavelmente. Nessa altura nunca pensava sobre isso. A única coisa que sabia era que sobre os meus ombros, ali empoleirado como um gato sarnento, pesava um ressentimento apodrecido contra a forma como a minha vida estava a correr — ou pior, como já tinha corrido.

Talvez eu fosse um pouco indiscreto relativamente a alguns dos meus sentimentos íntimos. Talvez por vezes tenha dado a ideia a alguns dos meus camaradas de bebida que eu achava que a vida me reservava melhores coisas. Que posso eu dizer? Era jovem e arrogante e um bêbado. É uma combinação letal na melhor das circunstâncias. E estas não eram de certeza as melhores circunstâncias.

— Achas-te melhor que nós, não achas?

Ouvia muito isto. Ou pelo menos variações disto.

Talvez tivesse sido mais diplomático da minha parte responder na negativa, mas não o fazia. Assim, dava por mim em mais brigas do que a minha conta. Talvez fosse para provar que era melhor que eles em todas as coisas, incluindo nas brigas. Talvez porque, à minha maneira, estava a defender o nome de família. Podia ser um bêbado. Um mulherengo. Arrogante. De pouca confiança. Mas não era um cobarde. Oh, não. Nunca fui de fugir a uma luta.

E foi durante o verão que a minha imprudência atingiu o seu auge; quando eu estava mais bêbado e mais fanfarrão, e acima de tudo um pouco chato. Mas, por outro lado, estava mais apto a ajudar uma jovem rapariga em apuros.

Ela estava no Auld Shillelagh, uma taberna a meio caminho entre Hatherton e Bristol, para mim uma paragem habitual. Por vezes no verão, quando a mãe e o pai trabalhavam arduamente na tosquia em casa, eu fazia mais viagens à cidade, na frequência de sete vezes ao dia.

Admito que nunca reparei muito nela no início, o que era pouco habitual para mim. Orgulhava-me de saber o local exato de todas as mulheres bonitas das redondezas e, para além disso, a Shillelagh não era o género de sítio onde se estava à espera de encontrar uma mulher bonita. Uma *mulher* sim. Um certo tipo de mulher. Mas dava para ver que esta rapariga não era dessas: era jovem, mais ou menos da minha idade, e usava uma touca de linho branco e um vestido. A meu ver tinha ar de doméstica.

Mas não foram as suas roupas que me chamaram à atenção. Foi a força da sua voz, que, há que dizê-lo, estava em contraste absoluto com o seu aspeto. Estava sentada com três homens, todos eles mais velhos que ela, que eu reconheci de imediato: Tom Cobleigh, o seu irmão Seth, e Julian qualquer coisa, cujo apelido me escapa, mas que trabalhava com eles: três homens com quem eu já tinha trocado uma palavra, senão mesmo um murro. Eram do género de quem me olhava de alto por acharem que eu olhava de alto para eles, e que gostavam tanto de mim como eu deles, o que não era muito. Estavam inclinados para a frente nos seus bancos a observar a rapariga com um olhar lascivo e malicioso que revelava motivos mais obscuros, ainda que não parassem de sorrir e

de bater na mesa, incentivando-a a beber de uma assentada uma caneca de cerveja.

Não, ela não se parecia com nenhuma das mulheres que normalmente frequentavam a taberna, mas parecia estar determinada a agir como uma delas. A caneca era quase tão grande como ela e, assim que ela limpou a boca com a mão e bateu com a caneca na mesa, os homens responderam com vivas, gritando por mais uma e sem dúvida satisfeitos ao verem que ela balançava ligeiramente, sentada no banco. Provavelmente não queriam acreditar na sua sorte. Uma coisa bonita como aquela.

Observei-os enquanto deixavam a rapariga beber ainda mais cerveja com o mesmo tumulto a acompanhar o seu sucesso. Então, ao fazer o mesmo e limpar a boca com a mão, desta vez com um balanço ainda mais pronunciado, eles cruzaram o olhar uns com os outros. Um olhar que parecia dizer *O Trabalho Está Feito*.

Tom e Julian levantaram-se e começaram, pelas suas palavras, a “acompanhá-la” até à porta, dizendo:

— Já bebeste o suficiente, meu amor, vamos levar-te para casa, pode ser?

— Para a cama — sorria Seth, julgando que falava entredentes embora toda a taberna o tivesse ouvido. — Vamos meter-te na cama.

Olhei de relance para o taberneiro, que deixou cair o olhar e usou o avental para se assoar. Um cliente sentado do outro lado do bar virou-se de costas. Sacanas. Mais valia olhar para o gato em busca de ajuda, pensei eu. Depois, com um suspiro, bati com a minha caneca, levantei-me do banco e segui os Cobleighs até à rua.

Pisquei os olhos quando saí da escuridão da taberna para o sol ofuscante. A minha carroça estava ali, a assar ao sol. Ao seu lado estava outra que eu presumi ser dos Cobleighs. Do outro lado da rua havia um pátio com a casa muito recuada, mas sem sinais de um agricultor. Estávamos sozinhos na estrada —, apenas eu, os dois irmãos Cobleigh, Julian e a rapariga, é claro.

— Bom, Tom Cobleigh — disse eu —, as coisas que nós vemos numa tarde tão bonita. Coisas como tu e os teus compinchas a embebedarem-se e mais ainda uma pobre rapariga indefesa.

A rapariga fraquejou quando Tom Cobleigh largou o seu braço e se virou para mim, de dedo já levantado.

— Tu fica fora disto, Edward Kenway, seu inútil. Estás tão bêbado quanto eu e a tua moral é tão pouca como a minha. Não preciso de levar um sermão de gente como tu.

Seth e Julian também se tinham virado para mim. A rapariga estava

com um olhar distante, como se a sua mente tivesse adormecido mesmo com o corpo acordado.

— Bom — sorri, — posso ter pouca moral, Tom Cobleigh, mas não preciso de enfiar cerveja pela garganta abaixo de uma rapariga antes de a levar para a cama, e de certeza que não preciso de dois amigos para me ajudarem no serviço.

Tom Cobleigh ficou vermelho.

— Seu sacana descarado! Vou mas é metê-la na minha carroça e levá-la para casa.

— Não tenho dúvidas que tens a intenção de a meter na tua carroça e levá-la para casa. O que me diz respeito é aquilo que planeias fazer entre metê-la na tua carroça e levá-la para casa.

— O que te diz respeito *a ti*? Um nariz e duas costelas partidas é o que te vai dizer respeito se não te meteres na tua vida miserável.

De olhos semicerrados, olhei para a estrada onde as árvores junto ao caminho de terra reluziam de dourado e verde contra o sol e à distância se via uma figura solitária a cavalo, tremeluzente e indistinta.

Dei um passo em frente e, se eu antes tinha algum ar caloroso ou bem-humorado, agora desaparecera, quase por si mesmos. A minha voz foi fria quando falei a seguir.

— Deixa essa rapariga em paz, Tom Cobleigh, ou não me responsabilizo pelos meus atos.

Os três homens olharam uns para os outros. De certa maneira, fizeram o que eu disse. Largaram a rapariga e ela pareceu quase aliviada por escorregar de rabo, colocando uma mão no chão e olhando para nós com um olhar turvo, claramente alienada de tudo o que estava a ser discutido a seu respeito.

Entretanto, olhei para os Cobleighs e medi as probabilidades. Tinha eu alguma vez lutado contra três ao mesmo tempo? Bom, não. Porque quando se está a lutar contra três ao mesmo tempo, não estamos propriamente a lutar, mas a levar porrada. “Mas vamos lá, Edward Kenway”, disse a mim mesmo. Sim, por um lado eram três homens, mas um deles era Tom Cobleigh, que não era um rapazote, mas sim mais ou menos da idade do meu pai. O outro era Seth Cobleigh, que era filho de Tom Cobleigh. E se for possível imaginar o género de pessoa que ajudaria o seu pai a embebedar uma rapariga, então podemos imaginar o género de pessoa que Seth Cobleigh era, ou seja, um tipo falso e nojento, mais apto a fugir de uma luta com as cuecas molhadas do que a defender-se. E mais, estavam bêbados.

Por outro lado, eu também estava bêbado. E eles tinham Julian que, apenas pelo seu aspeto, parecia ser capaz de se safar.

Mas eu tive outra ideia. Aquele cavaleiro solitário que eu conseguia ver ao longe. Se eu conseguisse aguentar os Cobleighs até que ele chegasse, a vantagem provavelmente mudaria em meu favor. Afinal, se fosse de bom caráter, certamente o cavaleiro solitário iria parar para me ajudar.

— Bom, Tom Cobleigh — disse eu —, tens vantagem sobre mim, isso é óbvio para quem quiser ver, mas sabes que não iria conseguir olhar a minha mãe nos olhos sabendo que tu e os teus compinchas raptaram esta bela rapariga.

Olhei de relance para a rua, para onde aquele cavaleiro solitário se aproximava. *Vamos lá*, pensei eu. *Não te demores*.

— Por isso — continuei —, embora provavelmente vocês me deixem num monte ensanguentado junto a esta estrada e levem essa moça na mesma, vou ter de fazer tudo o que puder para dificultar a vossa vida o máximo possível. Talvez consiga que sigam o vosso caminho com um olho negro e um par de tomates a latejar como paga.

Tom Cobleigh cuspiu, depois olhou para mim com um olhar enrugado e cortante.

— É tudo? Então, vais ficar aí a falar o dia todo, ou vais fazer o teu serviço? Porque o tempo não espera... — sorriu malevolamente. — Tenho mais que fazer.

— Sim, tens razão, e quanto mais tempo demorares a ires embora, mais hipóteses tem essa pobre moça de ficar sóbria, não é?

— Deixa-me dizer-te que estou a ficar cansado de toda esta conversa, Kenway. — Virou-se para Julian. — E que tal se dermos uma lição a este bandalho? Oh e mais uma coisa antes de começarmos, Senhor Kenway. Não serves para engraxar os sapatos da tua mãe, compreendes?

Devo admitir que aquilo me atingiu com força. Uma pessoa como Tom Cobleigh, que tinha a moral de um cão raivoso e metade da sua inteligência, ser capaz de ir ao fundo da minha alma como se a minha culpa fosse uma ferida aberta e espetar o seu dedo nessa ferida para me provocar ainda mais dor... bom, não há dúvida que isso ao menos assegurou a minha firmeza.

Julian puxou o peito para fora e avançou a rosnar. A dois passos de mim, levantou os punhos, inclinou o ombro direito e atirou um murro. Não sei com quem estava Julian habituado a lutar à porta das tabernas, mas era de certeza alguém com menos experiência do que eu, porque eu já tinha reparado que ele era destro e as suas intenções não podiam ser mais óbvias.

A poeira levantou-se em nuvens à volta dos meus pés enquanto eu me esquivava com facilidade e levantava abruptamente o meu punho

esquerdo. Ele gritou com dor ao ter-lhe acertado debaixo do queixo. E se fosse apenas ele, a batalha estaria ganha. Mas Tom Cobleigh já estava sobre mim. Vi-o do canto do olho, mas era demasiado tarde para reagir e, logo a seguir, fiquei atordoado com um murro contra a têmpora.

Cambaleei ligeiramente quando me virei para enfrentar o ataque e os meus punhos estavam muito mais soltos do que eu gostaria. Tinha esperança de ter um golpe de sorte pois precisava de acabar com um deles para equilibrar os números. Mas nenhum dos meus murros acertou enquanto Tom Cobleigh andava para trás, e Julian tinha recuperado do meu primeiro golpe com uma rapidez preocupante, atirando-se novamente a mim.

O seu punho direito subiu e acertou-me no queixo, fazendo-me rodopiar de tal forma que quase perdi o equilíbrio. O meu chapéu voou, o meu cabelo estava à frente dos olhos e eu estava baralhado. E adivinhem quem apareceu a dar pontapés? Aquele verme, Seth Cobleigh, a gritar incentivos ao seu pai e a Julian ao mesmo tempo. E o bandalho teve sorte. A sua bota apanhou-me no peito e, já sem balanço, perdi o pé. Caí.

A pior coisa que se pode fazer numa briga é cair. Mal caímos, acabou. Eu via o cavaleiro solitário por entre as suas pernas, que era agora a minha única hipótese de salvação, talvez a minha única esperança de sair dali vivo. Mas aquilo que vi fez-me desesperar. Não era um homem a cavalo, um comerciante que iria desmontar e vir a correr em meu auxílio. Não, o cavaleiro solitário era uma mulher. Estava montada de frente e não de lado, mas apesar disso era possível ver que era uma senhora. Envergava um capote e um vestido de verão claro, e a última coisa de que me lembro antes das botas do Cobleigh escurecerem a minha vista e os pontapés choverem sobre mim foi que ela era linda.

E depois? A beleza não me iria salvar ali.

— Ei — ouvi. — Vocês os três. Parem o que estão a fazer imediatamente.

Viraram-se para olhar para ela e tiraram os chapéus, alinhando-se para me esconderem, estendido no chão a tossir.

— O que se passa aqui? — exigiu ela saber. Pelo som da sua voz, percebi que era jovem e, embora não fosse da nobreza, era sem dúvida de boas famílias; certamente demasiado importantes para que ela cavalgasse sem companhia?

— Estávamos apenas a ensinar a este jovem algumas maneiras — retorquiu roucamente sem fôlego Tom Cobleigh.

— Bom, não são precisos três de vocês para fazê-lo, pois não? — res-

pondeu ela. Agora conseguia ver que era muito mais bonita do que eu pensara inicialmente, à medida que ela olhava irritada para os Cobleighs que, por sua vez, pareciam completamente apavorados.

Desmontou do cavalo.

— Mais concretamente, o que estão a fazer com esta rapariga aqui? — apontou para a rapariga que continuava alheada e bêbada, sentada no chão.

— Oh, senhora, pedimos desculpa, minha senhora, mas esta é uma amiga nossa que bebeu demasiado.

A dama enfureceu.

— Vossa amiga ela *não é* de certeza, ela é uma criada, e se eu não a levar de volta para casa antes que a minha mãe descubra que ela fugiu, vai passar a ser uma criada sem emprego.

Olhou persistentemente de um homem para o outro.

— Eu conheço-vos, e julgo que sei exatamente o que se está a passar aqui. Agora deixem este rapaz em paz e sigam o vosso caminho antes que eu decida levar isto mais adiante.

Com muitas vénias e rastejos, os Cobleighs subiram para a sua carroça e cedo desapareceram. Entretanto, a mulher ajoelhou-se para falar comigo. A sua voz mudara. Agora falava com suavidade. Tinha um tom preocupado.

— O meu nome é Caroline Scott. A minha família vive em Hawkins Lane em Bristol; deixe-me levá-lo para lá e cuidar das suas feridas.

— Não posso, minha senhora — disse eu, sentando-me e tentando sorrir. — Tenho trabalho.

Ela levantou-se, franzindo.

— Estou a ver. E avaliei eu a situação corretamente?

Peguei no meu chapéu e comecei a sacudir-lhe a poeira. Agora estava ainda mais batido.

— Sim, minha senhora.

— Então devo-lhe a minha gratidão, tal como Rose, quando ficar sóbria. É uma rapariga teimosa, nem sempre é a criada mais fácil mas, ainda assim, não quero que sofra pela sua impetuosidade.

Naquele momento decidi que Caroline era um anjo e, enquanto a ajudava a montar, agarrando Rose que pendia bêbada sobre o pescoço do cavalo, tive um pensamento repentino.

— Posso vê-la novamente, minha senhora? Para lhe agradecer convenientemente talvez quando estiver mais apresentável?

Olhou para mim com pena.

— Lamento, mas o meu pai não iria aprovar — disse e, com isto, agitou as rédeas e partiu.

Nessa noite sentei-me debaixo do telheiro da nossa casa, olhando para o vazio sobre as pastagens que se estendiam diante da quinta enquanto o sol se punha. Normalmente os meus pensamentos eram sobre escapar ao meu futuro.

Nessa noite pensei em Caroline. Caroline Scott, de Hawkins Lane.

Dois dias depois, acordei com o som de gritos. Vesti os culotes à pressa e fui saltando para fora do quarto com a camisa desabotoada, ainda a puxar as botas pelos pés acima. Conhecia aquele grito. Era a minha mãe. Instantes depois, os seus gritos tinham acalmado para um soluçar, substituídos pelo praguejar do meu pai. Era o suave praguejar de um homem que tinha tido razão.

Depois da minha briga na Auld Shillelagh, regressei para a taberna de modo a fazer algo pelos meus cortes e feridas. Para entorpecer a dor, por assim dizer. E que melhor forma de o fazer senão com uma ou duas bebidas? Assim, quando chegasse finalmente a casa, estaria num belo estado. Quando digo “estado” refiro-me a um homem que tem ar de ter andado nas guerras, o que me tinha acontecido com aquelas nódoas negras na cara e pescoço, com as roupas esfarrapadas e rasgadas. Mas também me refiro a “estado” como o de um homem que já bebeu em demasia.

Qualquer uma destas duas coisas provavelmente iria enfurecer o pai, por isso discutimos e não me envergonho de dizer que usei uma linguagem pouco própria em frente à minha mãe. É claro que o pai ficou furioso com isso e senti as costas da sua mão por esse motivo. Mas o que realmente o enraiveceu foi que a escaramuça, como ele lhe chamou (porque não queria aceitar que eu estava a proteger a honra de uma senhora, e que ele faria o mesmo na minha situação) tinha acontecido durante um dia de trabalho. Ele imaginava-os, exaustos das suas labutas, e eu, a em-

bebedar-me e a incitar brigas, a conspurcar o bom nome dos Kenways e, neste caso em particular, criar ainda mais sarilhos para o futuro.

— Os Cobleighs — levantava as mãos ao ar em desespero. — Essa gente de má rês — dizia. — Tinha de ser com eles, não tinha? Eles não se vão esquecer, sabes disso, não sabes?

E assim, ao correr para o pátio de entrada nessa manhã, lá estava o pai, nas suas roupas de trabalho, a confortar a mãe, com a cabeça enterrada no peito dele e a soluçar silenciosamente, de costas para o que estava no chão.

Levei a mão à boca ao ver aquilo que estava à espera deles: duas ovelhas mortas, de gargantas cortadas, deitadas lado a lado sobre a terra escurecida pelo sangue. Tinham sido colocadas ali para que nós soubéssemos que não tinham sido vítimas de uma raposa ou cão vadio. Para que soubéssemos que as ovelhas tinham sido mortas por um motivo.

Era um aviso. Uma vingança.

— Os Cobleighs — chispei, sentindo a raiva a borbulhar como água a ferver rapidamente dentro de mim. Ao mesmo tempo veio a pontada aguda da minha culpa. Todos sabíamos que tinham sido os meus atos a provocar isto.

O pai não olhava para mim. Tinha na cara toda a tristeza e preocupação que seria de esperar. Como disse, ele era um homem respeitado e apreciava os benefícios desse respeito. Até as suas relações com os seus concorrentes eram feitas com cortesia e respeito. Não gostava dos Cobleighs, é claro que não — quem gostava? — mas nunca tinha tido problemas antes, nem com eles nem com ninguém. Esta era a primeira vez. Isto era novo para nós.

— Sei o que estás a pensar, Edward — disse. Reparei que não suportava olhar para mim; mantinha-se de pé a segurar a mãe com os olhos fixos num ponto no infinito. — Mas desengana-te.

— Em que estou a pensar, pai?

— Estás a pensar em enfrentar os Cobleighs.

— Bom? E em que está o *pai* a pensar? Vamos deixá-los safarem-se? — aponte para as duas carcaças ensanguentadas no chão. Gado destruído. Gado perdido. — Têm de pagar.

— Não pode acontecer — disse simplesmente.

— O que quer dizer com “não pode acontecer”?

— Há dois dias atrás, fui abordado para me juntar a uma organização — chamam-lhe uma organização de comércio.

Quando olhei para o meu pai, perguntei-me se estava a ver uma versão mais velha de mim mesmo e, que Deus me castigue por ter pensado assim, mas desejei fervorosamente que não. Ele tinha sido um homem

bem-parecido em tempos, mas agora a sua cara estava enrugada e envelhecida. A borda larga do seu chapéu de feltro cobria-lhe os olhos que estavam sempre virados para baixo, cansados.

— Querem que me junte a eles — continuou —, mas eu disse que não. Tal como a maioria dos comerciantes, os Cobleighs disseram que sim. Eles estão protegidos pela organização de comércio, Edward. Por que motivo julgas que eles fariam algo tão impiedoso? Estão protegidos. Fechei os olhos.

— Há alguma coisa que possamos fazer?

— Continuamos como antes, Edward, e desejamos que isto seja o fim, que os Cobleighs sintam que a sua honra foi restaurada — virou os seus olhos cansados e envelhecidos para mim pela primeira vez. Estavam vazios, sem raiva nem desapontamento. Apenas derrota. — Agora, posso confiar que limpas isto, enquanto eu trato da tua mãe?

— Sim, pai — disse eu.

Ele e a mãe dirigiram-se de volta para dentro de casa.

— Pai — chamei-o, quando estavam a chegar à porta —, por que não se juntou à organização de comércio?

— Irás descobrir um dia, se alguma vez cresceres — disse sem se virar.

Entretanto, voltei a pensar em Caroline. A primeira coisa que fiz foi descobrir quem ela era. Perguntei às pessoas em Hawkins Lane e descobri que o seu pai, Emmett Scott, era um rico comerciante de chá, que seria certamente visto como *novo rico* pela maioria dos seus clientes mas, não obstante, parecia ter-se entrosado na alta sociedade.

Agora, um homem menos obstinado que eu, menos pretensioso, talvez tivesse optado por um caminho diferente para o coração de Caroline do que aquele que eu escolhi. Afinal, o seu pai era um fornecedor de chás finos para as famílias de classe alta do sudoeste de Inglaterra. Tinha dinheiro, o suficiente para empregar criados numa casa de tamanho considerável em Hawkins Lane. Não era um pequeno proprietário; não tinha de se levantar às cinco da manhã para dar de comer ao gado. Era um homem de posses e influente. Aquilo que eu deveria ter feito — teria sido inútil mesmo se o soubesse — seria tentar conhecê-lo. E muito, tanto do que se passou subsequentemente podia ter sido evitado se eu tivesse ao menos tentado.

Mas não tentei.

Sabes, eu era jovem. E não admira que homens como Tom Cobleigh me odiassem, de tão arrogante que eu era. Apesar do meu estatuto social, eu achava-me superior a ter de cair nas boas graças de um comerciante de chá.

Agora, sei que quando se amam as mulheres, e não tenho vergonha em dizer que amo, encontramos algo de belo em todas elas, independen-

temente de terem ou não aquilo a que se pode chamar de beleza clássica. Mas para minha infelicidade, no caso de Caroline apaixonei-me por uma mulher cuja beleza exterior condizia com a interior e, é claro, os seus encantos certamente chamariam a atenção de outros. Então, aquilo que descobri a seguir foi que Matthew Hague estava de olho nela, filho de Sir Aubrey Hague, o maior proprietário de Bristol e executivo na Companhia das Índias Orientais.

Daquilo que consegui apurar, o jovem Matthew era da nossa idade e do mais presunçoso e altivo possível, considerando-se muito mais do que aquilo que era. Gostava de envergar o ar de um homem de negócios astuto, tal como seu pai, embora fosse claro que não possuía nenhuma das aptidões do pai nessa área. Também gostava de se ver como um filósofo e ditava frequentemente os seus pensamentos para um escriba que o acompanhava para todo o lado: com papel e caneta a postos para anotar os pensamentos de Hague em qualquer circunstância, tais como “Uma piada é uma pedra atirada à água, o riso são as ondas que ela provoca.”

Talvez as suas frases fossem altamente profundas. Tudo o que sei é que não lhe teria dado muita atenção — na verdade, ter-me-ia juntado à chacota e riso geral que pareciam acompanhar o seu nome — isto, se não fosse o facto de ele ter mostrado interesse por Caroline. Talvez até nem isso me preocupasse muito, não fossem dois outros fatores. O primeiro, que Emmett Scott, o pai de Caroline, aparentemente teria dado a mão de Caroline em casamento ao rapaz Hague; e o segundo, que o rapaz Hague, possivelmente devido aos seus modos condescendentes, a sua tendência para cometer erros cruciais até nos negócios mais simples e a sua capacidade para enervar as pessoas, tinha uma escolta, um homem chamado Wilson que era um brutamontes inculto com um olho semi-cerrado, que diziam ser um homem duro.

— A vida não é uma batalha, pois as batalhas estão lá para se ganhar ou perder. A vida é para ser vivida — ouviu-se Matthew Hague a ditar para o seu escrivão magricela.

Bom, é claro que para Matthew Hague havia poucas batalhas. Em primeiro lugar, porque era filho de Sir Aubrey Hague e, em segundo, porque tinha uma enorme escolta atrás dele para todo o lado.

Voltando ao assunto, fiz questão de descobrir onde estaria Caroline numa tarde solarenga. Como? Bom, pode-se dizer que para isso bastou cobrar um favor. Lembrem-se de Rose, a criada que ajudei a salvar de um destino pior que a morte? Bom, refresquei-lhe a memória um dia quando a segui de Hawkins Lane até ao mercado e me apresentei por entre as bancas, evitando habilmente os gritos dos lojistas com um cesto no braço.

Ela não me reconheceu, é claro.

— Tenho a certeza que não sei quem o senhor é — disse ela com os seus pequenos olhos a olhar para todos os lados, como se os seus patrões estivessem prestes a saltar por entre as bancas.

— Bem, eu sei exatamente quem és, Rose — disse eu. — e fui eu quem levou uma tarefa por ti à porta do Auld Shillelagh na semana passada. Bêbada como estavas, espero que te lembres da presença de um bom samaritano...

Ela acenou relutantemente. E é verdade, talvez não seja a coisa mais cavalheiresca usar as circunstâncias infelizes de uma jovem rapariga de uma maneira tão mercenária para... bom, não iria tão longe a ponto de lhe chamar “chantagem”, mas como forma de pressão, assim foi. Eu estava apaixonado e considerando que as minhas habilidades de escrita não eram as mais brilhantes, decidi que um encontro cara a cara com Caroline era a melhor forma de dar início ao processo de ganhar o seu coração.

Levar a água ao meu moinho, estás a ver? Bem, funcionava com comerciantes e na jovem rapariga casual que encontrava nas tabernas. Porque não em alguém de altas castas?

Descobri por Rose que Caroline gostava de apanhar ar nas docas de Bristol à terça-feira à tarde. Mas, dizendo ela com um rápido olhar para a esquerda e para a direita, eu deveria ter cuidado com o Sr. Hague. Ele e a sua escolta, Wilson.

O Sr. Hague gostava muito de Caroline, segundo Rose, e era muito protetor.

Foi assim que, na manhã seguinte, fiz questão de me deslocar à cidade, despachei os meus produtos o mais rapidamente possível e dirigi-me para o porto. Lá, o ar estava carregado do odor a maresia e estrume e alcatrão a ferver; ecoavam os gritos das gaviotas, bem como dos gritos infinitos daqueles que faziam das docas o seu local de trabalho: tripulações a gritarem uns para os outros enquanto carregavam e descarregavam navios cujos mastros balançavam suavemente com a brisa.

Consequia ver porque gostava a Caroline disto. A vida estava toda no porto. Desde os homens com cestos de maçãs frescas ou faisões pendurados pelo pescoço com cordéis até aos comerciantes que apenas depositavam cestos no cais e gritavam aos marinheiros visitantes; e as mulheres com tecidos a convencerem os marinheiros mercantes que estavam a obter uma pechincha. Havia crianças com flores ou madeira para vender, ou a correr por entre as pernas dos marinheiros a fugir dos comerciantes, quase tão anónimas como os cães que se passeavam ao longo das paredes do porto e cheiravam os montes de lixo e comida podre varrida no dia anterior.

No meio deles todos estava Caroline, que, com um laço no chapéu e uma sombrinha sobre o ombro e Rose a uns metros atrás, era uma verdadeira dama. No entanto, mantendo-me à distância a tentar escolher o momento certo, reparei que ela não olhava com desdém para a atividade à sua volta como seria de esperar. Pela sua postura podia ver que ela, tal como eu, gostava de ver a vida em todas as suas formas. Perguntei-me se, tal como eu, também ela alguma vez teria olhado para um mar que reluzia de tesouros, com mastros de navios a balançarem suavemente, gaivotas a voar para onde o mundo começava, imaginando que histórias teria o horizonte para contar.

Sou um homem romântico, é verdade, mas não sou nenhum tolo, e tinha tido momentos, desde aquele dia à porta da taberna, em que eu me interrogara se o meu afeto cada vez maior por Caroline não seria em parte uma invenção da minha mente. Afinal, ela tinha sido a minha salvação. Mas agora, enquanto percorria o porto, apaixonei-me de novo.

Estava a contar falar com Caroline nas minhas roupas de pastor? Claro que não. Por isso, tinha tido o cuidado de mudar de roupa. Troquei as minhas botas sujas por um par de sapatos com fivelas de prata, meias brancas limpas e calções escuros, um colete acabado de lavar sobre a camisa e um tricorne a condizer em vez do meu castanho do costume. Modéstia à parte, parecia um verdadeiro cavalheiro: era novo, bem-parecido e cheio de confiança, o filho de um comerciante respeitado na zona. Um Kenway. O nome pelo menos dizia qualquer coisa (apesar das minhas tentativas em contrário), e também tinha comigo um jovem malandro chamado Albert, a quem eu tinha subornado para me fazer um serviço. Não é preciso muita massa cinzenta para adivinhar a natureza do serviço: era suposto ajudar-me a impressionar a bela Caroline. Com mais uma transação com uma rapariga das flores e estava pronto para o fazer.

— Certo, lembras-te do plano — disse a Albert, que olhou para mim por baixo da borda do seu chapéu com um olhar muito mais sábio do que a sua idade e um ar de quem já tinha visto tudo na vida.

— Certo, camarada, é suposto dares este ramo de flores àquela senhora bonita ali. Ela vai parar e dizer-te “Ah, meu jovem, por que motivo me está a presentear com estas flores?”. E tu vais apontar para aqui — mostrei onde eu estaria de pé, todo vaidoso. Ou Caroline me reconheceria do outro dia ou iria ao menos querer agradecer ao admirador misterioso e pedir a Albert para me aproximar, momento em que iria dar início à ofensiva de charme.

— E que ganho eu com isso? — perguntou Albert.

— O que ganhas com isso? Que tal se te deres por sorte de eu não te dar um puxão de orelhas?

Fez cara feia.

— E que tal se te fores atirar do pontão abaixo?

— Muito bem — disse eu, sabendo que tinha perdido —, dou-te meio *penny* por isto.

— Meio *penny*? Não consegues melhor que isso?

— Por acaso, rapazote, é o melhor que se arranja, e para atravessar o porto para entregar uma flor a uma mulher bonita, também é o meio *penny* mais fácil de ganhar de sempre.

— Ela não tem um pretendente com ela? — Albert esticou o pescoço para ver.

E, é claro, rapidamente se tornaria óbvio o porquê de Albert querer saber se Caroline estava acompanhada. Mas naquele momento em particular tomei o seu interesse por nada mais do que curiosidade. Um pouco de tagarelice. Conversa fiada. Por isso disse-lhe que não, não tinha pretendente, dei-lhe o ramo de flores e o seu meio *penny* e mandei-o seguir caminho.

Foi quando ele se dirigiu para lá que algo que trazia na sua outra mão me chamou a atenção e apercebi-me do grande erro que cometi.

Era uma lâmina minúscula. E os seus olhos estavam fixos no braço dela, onde trazia uma carteira presa por um laço.

Meu Deus. Um carteirista. O jovem Albert era um carteirista.

— Meu sacana — disse eu para mim, e corri imediatamente pelo porto atrás dele.

Por esta altura, ele estava a meio caminho entre nós mas, por ser pequeno, foi capaz de se esgueirar por entre a multidão fervilhante mais rapidamente. Vi Caroline, abstraída do perigo iminente — um perigo que eu tinha inadvertidamente enviado contra ela.

Imediatamente a seguir vi três homens, dois deles também se dirigiam na direção de Caroline. Eram três homens que eu reconhecia: Matthew Hague, o seu magricela companheiro de escrita e a sua escolta, Wilson. Retraí-me. Mais ainda quando vi os olhos de Wilson saltarem de Caroline para Albert e de novo para ela. Ele era bom, dava para perceber. Tinha visto num instante o que estava prestes a acontecer.

Parei. Por um segundo fiquei totalmente desorientado. Não sabia o que fazer a seguir.

— Ei — gritou Wilson num tom de voz que irrompia sobre o grasnar, as vozes e os regateios infundáveis daquele dia.

— Ei, tu! — e correu para a frente. Mas Albert tinha chegado a Caroline e, num gesto quase absurdamente rápido e fluido, a sua mão ser-

penteou para fora, o laço da carteira de Caroline foi cortado e a pequena mala de seda caiu diretamente na outra mão de Albert.

Caroline não reparou no roubo, mas era impossível deixar de ver a figura enorme de Wilson a correr na sua direção e gritou de espanto, mesmo quando ele passou por ela e agarrou Albert pelos ombros.

— Este jovem biltre tem qualquer coisa que lhe pertence, menina — rugiu Wilson, abanando Albert com tamanha força que a bolsa de seda caiu no chão do porto.

Ela olhou para a bolsa, depois para Albert.

— Isto é verdade? — disse ela, apesar das evidências estarem diante dela e, para dizer a verdade, em cima de um pequeno monte de estrume a seus pés.

— Apanha-a, apanha-a — dizia Hague para o seu companheiro magricela, tendo acabado de chegar e já a comportar-se como se tivesse sido ele a apreender o rapaz com a faca em vez da sua escolta de dois metros de altura.

— Ensina uma lição a esse jovem rufia, Wilson — era Hague com um aceno de mão como se a tentar enxotar alguma flatulência especialmente nauseabunda.

— Com todo o gosto, senhor.

Ainda estavam a vários metros de mim. Albert estava bem agarrado, mas os seus olhos passaram de aterrorizados perante Wilson para se virarem onde eu me encontrava e, quando cruzámos o olhar, olhou para mim em súplica.

Cerrei os dentes. *Meu sacana*, ele tinha estado prestes a arruinar todos os meus planos e agora olhava para mim por ajuda. Que descaramento.

Mas depois Wilson, segurando-o pelo pescoço com uma mão, deu um murro no estômago de Albert e foi o suficiente para mim. Aquele sentimento de injustiça que tinha sentido na taberna regressou e, num segundo, estava a empurrar a multidão a caminho do auxílio de Albert.

— Ei — gritei. Wilson virou-se para me ver e, embora fosse maior que eu, e bem mais feio, eu tinha acabado de o ver bater numa criança e estava de sangue quente. Não é uma forma particularmente cavalheiresca de andar à luta, mas eu sabia por experiência própria de ambos os lados que não havia nenhuma forma mais rápida e limpa de atirar um homem ao chão, por isso fi-lo. Dei-lhe uma joelhada. O meu joelho nos seus tomates, para ser mais preciso. Foi tão rápido e com tanta força que num segundo Wilson passou de um grandalhão a rosnar e prestes a contra-atacar para um farrapo de homem a choramingar e a soluçar, com as mãos agarradas à virilha ao aterrar no chão.

Sem querer saber da gritaria de ultraje de Matthew Hague, agarrei em Albert.

— Pede desculpa à senhora — ordenei-lhe, com um dedo na sua cara.

— Desculpe, menina — disse Albert obedientemente.

— Agora salta daqui — disse eu e apontei-lhe para fora do porto. Não precisou de mais nenhum convite e desapareceu num instante, causando ainda mais protestos de Matthew Hague, e agradeci a Deus que ao menos Albert estava fora de cena e incapaz de me incriminar.

Tinha salvo Albert de levar mais, mas a minha vitória foi curta e não tive de maneira nenhuma tempo para a apreciar. Wilson já estava de pé e, embora os seus tomates devessem estar a doer à farta naquele momento não sentia mais nada a não ser raiva. Também era rápido e, antes de eu ter tempo para reagir, agarrou-me e segurou-me com firmeza. Tentei soltar-me, descaindo um ombro e dando-lhe um golpe na direção do diafragma, mas não tinha balanço e ele usou o corpo para me bloquear, gemendo tanto com satisfação como do esforço e arrastando-me pelo porto, com as pessoas a afastarem-se diante dele. Eu teria hipóteses numa luta justa, mas ele usou a sua força e aquele ímpeto de velocidade alimentado pela raiva, de tal forma que no instante seguinte eu esperneava no ar enquanto ele me atirava pelo porto fora.

Bom, sempre sonhara ir para alto-mar e, com o som de risos a ecoar nos meus ouvidos, agarrei-me à escada de corda mais próxima e comecei a trepar para fora de água. Caroline, Rose, Hague e os seus dois homens já se tinham ido embora. Vi uma mão estendida para me ajudar.

— Toma, amigo, deixa-me ajudar-te — disse uma voz. Olhei para cima agradecido, prestes a agarrar a mão do meu samaritano, quando enfrentei a cara jocosa de Tom Cobleigh a olhar para mim sobre o pontão do porto.

— Bem, as coisas que vemos quando andamos sem o mosquete — disse ele, e não havia nada que eu pudesse fazer para evitar o seu murro contra a minha cara, enviando-me para fora da escada de corda e de volta para a água.

Tom Cobleigh tinha desaparecido, mas Wilson parecia ter regressado. Provavelmente ter-se-ia certificado que Hague e Caroline estavam bem, depois regressou rapidamente para o porto e encontrou-me sentado nuns degraus a recompor-me. Fez sombra sobre mim e olhei para cima para o ver, desconsolado.

— Se voltaste para tentar isso de novo — disse eu —, desta vez não te vou facilitar a vida.

— Não tenho dúvidas — respondeu sem pestanejar —, mas não vim para te atirar novamente ao mar, Kenway.

Ouvindo isto, olhei bruscamente para ele.

— É isso mesmo, rapazote. Eu tenho os meus espiões e os meus espiões dizem-me que um jovem cavalheiro chamado Edward Kenway tem andado a perguntar por Caroline Scott. Este mesmo jovem cavalheiro chamado Edward Kenway esteve envolvido numa briga à porta da Auld Shillelagh na estrada para Hatherton na semana passada. Nesse mesmo dia, a Menina Scott também esteve na estrada para Hatherton porque a sua criada tinha fugido e tu e a Menina Scott tiveram motivos para falar depois da tua escaramuça.

Aproximou-se tanto que eu conseguia sentir o cheiro de café rançoso no seu hálito. Era prova, se é que fosse necessária alguma prova, de que não se sentia minimamente intimidado, nem por mim nem pela minha terrível reputação.

— Estou no caminho certo até agora, senhor Kenway?

— Talvez estejas.

Assentiu.

— Bem me parecia. Que idade tens, rapazote? O quê? Dezassete? Mais ou menos a mesma idade que a Menina Scott. Parece-me que andas a alimentar uma paixoneta por ela, estou certo?

— Talvez estejas.

— Acho que estou. Agora, vou dizer isto uma vez e apenas uma vez, mas a menina Scott está prometida ao Sr. Hague. Esta união tem a bênção dos pais... — ele pôs-me de pé, apertando os meus braços de lado. Estava demasiado molhado, demasiado esfarrapado, demasiado exausto para resistir, ainda assim sabia aquilo que se seguia.

— Agora, se eu te vir novamente perto dela ou a tentar mais alguma habilidade estúpida para chamar a sua atenção, vais ter mais do que um mergulho no mar, estamos entendidos?

Assenti.

— E em relação à joelhada nos tomates que estás prestes a dar-me?

Sorriu malevolamente.

— Oh, isso? Isso é pessoal.

Cumpriu a sua palavra e demorou algum tempo até eu ser capaz de me levantar e dirigir-me de volta para a minha carroça. Não era só o meu “material” que estava ferido: o meu orgulho também tinha levado uma tarefa.

Nessa noite deitei-me na cama a amaldiçoar a minha sorte. Tinha estragado as minhas hipóteses com Caroline. Estava perdida para mim. Tudo graças àquele diabrete Albert, já para não falar de Hague e companhia. Sofrera mais uma vez às mãos de Tom Cobleigh e o pai olhara-me de lado quando eu cheguei a casa, um pouco mais tarde que o normal e, apesar de ter uma muda de roupa, regressava um pouco mais esfarrapado.

— Não foste àquelas tabernas outra vez? — disse ele sombriamente.
— Que Deus me ajude, se oiço que andaste a conspurcar o nosso bom nome...

— Não, pai, nada disso.

Ele estava errado. Eu não tinha ido à taberna a caminho de casa. Na verdade, nem me tinha aproximado de uma cervejaria desde a briga à porta da Auld Shillelagh. Tinha dito a mim mesmo que aquele encontro com Caroline me tinha provocado um efeito, literalmente de sobriedade.

No entanto, agora já não sabia. Comecei a interrogar-me: talvez a minha vida fosse ali, no meio da espuma de cerveja, rodeado dos sorrisos desmazelados de mulheres fáceis com poucos dentes e ainda menos moral. Por altura do meu décimo terceiro verão a acartar lâ para o mercado de Bristol, já me era indiferente, já me tinha esquecido de toda a esperança de um dia ver o mundo. Gradualmente, o apelo das tabernas impôs-se mais uma vez.

Então aconteceram duas coisas que mudaram tudo. A primeira veio na forma de um cavalheiro que se sentou a meu lado no bar de George and Dragon em Bristol numa tarde solarenga. Era um cavalheiro bem vestido com punhos de camisa extravagantes e uma gravata colorida que tirou o chapéu, colocou-o sobre o bar e apontou para a minha bebida.

— Posso oferecer-lhe outra, senhor? — perguntou-me.

Era uma novidade de “filho”, “rapaz” ou “rapazote”. Tinha de aguentar todos estes nomes diariamente, se não a toda a hora.

— E a quem devo agradecer a minha bebida? E o que quererá em troca? — perguntei cautelosamente.

— Talvez apenas a possibilidade de falar, amigo — disse calorosamente o estranho. Ofereceu a mão para apertar. — O meu nome é Dylan Wallace, muito gosto em conhecê-lo, senhor... Kenway, não é?

Pela segunda vez num espaço de dias, estava defronte de alguém que sabia o meu nome, embora eu não fizesse ideia porquê.

— Oh, sim — disse ele, radiante. Refleti que ao menos era mais amistoso que Wilson. — Conheço o seu nome. Edward Kenway. Tem bastante reputação por estes lados. Na verdade, eu próprio já o vi em ação.

— Ai sim? — olhei para ele, desconfiado.

— É verdade — disse ele. — Ouvi dizer, das pessoas com quem falei, que o senhor não é adverso a um pouco de confusão, mas mesmo assim não se pode ter esquecido da sua briga no Auld Shillelagh no outro dia.

— Não me parece que me deixem esquecer-la — suspirei.

— Bom, fazemos o seguinte, senhor. Vou ser frontal consigo, porque me parece ser um jovem que sabe o que quer e é pouco provável que o convençam a fazer isto ou aquilo seja no que for que eu tenha para lhe dizer. Já alguma vez pensou em embarcar?

— Bem, já que fala nisso, Sr. Wallace, pensei em tempos deixar Bristol e partir nessa direção, é verdade.

— Então o que o impede?

Acenei com a cabeça.

— *Essa* é uma excelente pergunta.

— Sabe o que é um corsário, Sr. Kenway?

Antes de eu poder responder, ele já me estava a dizer.

— São piratas a quem lhes são dadas cartas de corso pela Coroa. Sabe, os Dons e os portugueses estão a servir-se dos tesouros do Novo Mundo; estão a encher os seus cofres e é o trabalho dos corsários ou pará-los ou tirar-lhes o que eles tiram. Está a compreender?

— Obrigado Sr. Wallace, eu sei o que é um corsário. Sei que não

podem ser julgados em tribunal por pirataria, desde que não ataquem navios pertencentes ao seu próprio país, não é isso?

— Oh, é isso mesmo, Sr. Kenway — sorriu Dylan Wallace. — O que aconteceria se eu me esticasse e me servisse de uma caneca de cerveja? Isso seria roubo, não é? O barman poderia tentar impedir-me, mas e se eu o estivesse a fazer impunemente? E se o meu roubo tivesse o selo de aprovação real? É disto que estamos a falar, Sr. Kenway. A oportunidade de ir para o alto-mar e servir-se de quanto ouro e tesouros o navio do seu capitão carregar. E, enquanto o faz, estar não só a trabalhar com a aprovação de Sua Majestade a Rainha Ana, mas *a ajudá-la*. Já ouviu falar do Capitão Christopher Newport, Francis Drake, o Almirante Sir Henry Morgan — todos eles corsários. Que tal juntar o nome Edward Kenway a essa ilustre lista?

— O que está a dizer?

— Estou a dizer que tal se tornar num corsário, senhor?

Olhei-o atentamente.

— E se prometer que penso nisso, o que têm você a ganhar?

— Ora, uma comissão, é claro.

— Não costuma aliciar bandidos para este tipo de coisa?

— Não são homens do seu calibre, Sr. Kenway. Não são homens que possamos considerar de “fibra de oficial”.

— Tudo porque eu pareci prometededor numa briga?

— Por causa da forma como se *comportou* nessa briga, Sr. Kenway, em todas as facetas dela.

Assenti.

— Se eu prometer pensar sobre isso, significa que não terei de devolver o favor da sua cerveja?

Fui para a cama nessa noite sabendo que tinha de dizer ao pai que o meu destino não estava na pastorícia, mas na aventura de capa e espada enquanto corsário.

Ele iria ficar desapontado, é claro, mas talvez também um pouco aliviado. Sim, por um lado eu tinha sido uma mais-valia e desenvolvido competências de comércio, pondo-as a bom uso em benefício da família. Mas, por outro lado, havia a bebida, as escaramuças e, é claro, a desavença com os Cobleighs.

Pouco tempo depois de as duas carcaças terem sido deixadas na nossa porta da frente, tinha havido outro incidente em que, ao acordar, descobrimos que o rebanho fora solto durante a noite. O pai achou que as vedações tinham sido danificadas deliberadamente. Não contei ao pai o que acontecera no porto, mas era óbvio que Tom Cobleigh ainda nutria um rancor; um rancor que não iria desaparecer tão cedo.

Tinha sido eu a trazer isto sobre o pai. Então, sem mim em cena, talvez a vingança acabasse.

Foi assim que, ao deitar a cabeça na almofada nessa noite, a minha única decisão era em como iria dar a notícia ao meu pai. E como iria dar o meu pai a notícia à minha mãe.

Então ouvi algo da janela. Era um bater.

Olhei inquieto. O que estaria eu à espera de ver? Não tinha a certeza, mas as memórias dos Cobleighs ainda estavam frescas na minha mente. Em vez disso, o que vi, montada de frente no seu cavalo sob a luz pálida

da lua no pátio, como se Deus estivesse a apontar a sua lanterna sobre a sua beleza, estava Caroline Scott.

Estava vestida como se fosse para a escola de equitação. As suas roupas eram escuras. Envergava uma cartola, uma camisa branca e um casaco preto. Segurava as rédeas com uma mão e a outra estava levantada, prestes a atirar mais um punhado de gravilha para a minha janela.

Eu próprio já tinha usado esse mesmo truque para chamar a atenção de alguma amiga e recordava-me bem do horror de acordar a casa inteira. Assim, quando eu atirava pedras contra uma janela, fazia-o geralmente atrás de um muro. Caroline não. Era essa a diferença entre o nosso estatuto social. Ela não tinha medo de ser escorraçada da propriedade com um pontapé no rabo e uma descompostura. Ela era Caroline Scott de Hawkins Lane em Bristol. Ela própria estava a ser cortejada pelo filho de um executivo da Companhia das Índias Orientais. Encontros clandestinos ou não, e não havia dúvida de que isto era clandestino, esconder-se atrás de muros não era para ela.

— Bom — sussurrou. Via os seus olhos dançarem à luz da lua. — Vai deixar-me aqui sentada a noite toda?

Não. Num instante estava no pátio a seu lado, tomando as rédeas do cavalo e conduzindo-a para fora da propriedade enquanto falámos.

— As suas ações no outro dia — disse ela. — Colocou-se em grande perigo para proteger aquele jovem ladrão.

(Sim, sim. Eu sei o que estão a pensar. E sim, senti-me um pouco culpado por isso.)

(Mas não em demasia.)

— Não há nada que eu odeie mais do que um agressor, Menina Scott — disse eu. O que, pelo menos, não era mentira.

— Foi o que eu pensei. Já são duas as vezes em que eu fiquei impressionada com a bravura das suas ações.

— Então já são duas as ocasiões em que eu fiquei contente que lá estivesse para as testemunhar.

— O Sr. Kenway é interessante. E o seu próprio interesse por mim não me escapou.

Permaneci em silêncio. E andámos por um bocado. Embora não se proferissem palavras, havia sentido no nosso silêncio. Era como se reconhecêssemos os nossos sentimentos um pelo outro. Senti a proximidade do seu botim. Sobre o calor e o odor do cavalo, conseguia sentir o cheiro do pó de arroz que ela usava. Nunca antes tivera tanta consciência de uma pessoa, da proximidade de uma pessoa.

— Suponho que lhe tenham dito que estou prometida a outro — disse ela.

Parámos na borda da estrada. Estávamos ladeados por paredes de pedra e as pastagens verdes à nossa frente estavam ponteadas de ovelhas brancas. O ar estava quente e seco em nosso redor, não corria nem uma brisa a perturbar as árvores que se elevavam para recortar o horizonte. Vindo de algum lado ouviu-se o apelo de um animal, apaixonado ou ferido, mas de certeza selvagem, e uma súbita agitação nos arbustos assustou-nos. Sentíamo-nos como clandestinos. Intrusos na casa da natureza.

— Bom, não me parece...

— Sr. Kenway...

— Pode tratar-me por Edward, Menina Scott.

— Bom, você pode continuar a tratar-me por Menina Scott.

— A sério?

— Oh, está bem, podes tratar-me por Caroline.

— Obrigado, Miss Scott.

Ela olhou-me de lado, como se para verificar se eu estaria a gozar com ela.

— Então, Edward — continuou — sei perfeitamente que tens feito perguntas sobre mim. E, embora não tenha a certeza do que te disseram ao certo, penso ter uma ideia: que Caroline Scott está prometida a Matthew Hague, que Matthew Hague a bombardeia com poemas de amor, que a união tem a bênção do seu pai e, é claro, do pai dela. Estou certa?

Admiti ser isso o que tinha ouvido.

— Talvez te tenhas apercebido durante o pouco tempo que passámos juntos aquilo que eu acho deste arranjo em particular?

— Não me aventuro a dizer.

— Então digo-o eu com todas as letras. A ideia de casar com Matthew Hague dá-me a volta ao estômago. Achas que quero viver a minha vida na casa dos Hagues? Esperarem que trate o meu marido como um rei, fazer vista grossa aos seus casos, gerir a casa, gritar com os empregados, escolher flores e selecionar naperons, fazer visitas, tomar chá, trocar mexericos com as outras esposas? Achas que me quero esconder tão fundo debaixo das preocupações de boas maneiras e etiqueta de tal forma que já nem sei quem sou? Neste momento vivo entre dois mundos, Edward, capaz de os ver aos dois. O mundo que vejo nas minhas visitas ao porto é aquele que é mais real para mim, Edward. Aquele que está mais vivo. Quanto a Matthew Hague em si, desprezo-o, quase tanto como à sua poesia. Não me vejas como uma dama indefesa em apuros Edward, porque não é isso que eu sou. Mas não estou aqui para te pedir ajuda. Vim para me servir sozinha.

— Vieste para te servir *de mim*?

— Se quiseres. A próxima jogada é tua, mas fá-la sabendo o seguinte: qualquer relacionamento entre nós não irá ter a bênção do meu pai, mas teria a minha.

— Perdoa-me, mas não é tanto o teu pai que me preocupa, mas sim a escolha que ele fez para ti.

— E o pensamento de fazeres dos Hagues teus inimigos assusta-te? Soube naquele momento que nada me assustaria.

— Não, Caroline, não me assusta.

— Tinha esperança que assim fosse.

Separámo-nos, com planos para nos encontrarmos de novo.

Depois disso, o nosso relacionamento começou a sério. Fomos capazes de manter segredo. Na verdade, durante alguns meses os nossos encontros eram completamente em privado: momentos roubados a vaguear pelas estradas entre Bristol e Hatherton ou a cavalgar pelas pastagens.

Até que um dia ela anunciou que Matthew Hague planeava pedir a sua mão em casamento na manhã seguinte e o meu coração parou.

Estava decidido a não a perder. Por causa do meu amor por ela, porque não conseguia pensar em mais nada a não ser ela, porque eu me deliciava com todos os momentos que passávamos juntos. Cada palavra, cada gesto que Caroline fazia era como um néctar para mim — tudo o que lhe dizia respeito, todas as curvas e contornos do corpo, o seu cheiro, o seu riso, a sua postura refinada, a sua inteligência.

E tudo isto me passava pela mente quando me ajoelhei e peguei na sua mão, porque aquilo que ela me estava a dizer talvez não fosse tanto um convite, mas sim uma despedida. E se fosse, então, ao menos a minha humilhação não seria conhecida por todos, ficando confinada aos pássaros nas árvores e às vacas que nos olhavam nos campos, a ruminar com um olhar ensonado.

— Caroline, queres casar comigo? — disse.

Sustive a respiração. Durante o nosso namoro, todos os encontros que tivéramos, todos os beijos roubados que partilhámos tinham sido ensombrados por um sentimento de não acreditar na minha sorte. Era como se me estivessem a pregar uma grande partida; quase esperava que Tom Cobleigh saltasse das sombras a grunhir de riso. Se não fosse isso, se não fosse alguma partida vingativa às minhas custas, então talvez eu fosse apenas uma mera distração para Caroline, um último caso antes de se empenhar nos seus deveres familiares.

— Ah, Edward — sorriu —, estava a ver que nunca mais perguntas.

No entanto, não queria acreditar e dei por mim a viajar para a cidade no dia seguinte, o meu caminho levava-me até Hawkins Lane. Sabia apenas que Matthew Hague planeava visitá-la de manhã e, ao subir pela estrada e passar pela fila de casas de entre as quais estava a dela, perguntei-me se ele estaria lá agora, talvez fazendo o seu pedido.

Havia uma coisa que eu sabia em relação a Caroline. Ela era uma mulher corajosa, talvez até a mais corajosa que eu já conhecera, mas ainda assim, ela estaria a abdicar da oportunidade de viver o resto da sua vida no luxo. Pior, iria expor ao escândalo a sua mãe e o seu pai. Eu conhecia bem a pressão de tentar agradar um pai, a tentação de seguir esse caminho. Um espírito não realizado ou um espírito carregado de culpa: qual era a cruz mais difícil de suportar?

Comigo diante dela — e tenho a certeza que me amava — talvez a decisão fosse mais fácil de fazer. Mas e durante a noite, quando os receios batessem à porta e as dúvidas a visitassem? Talvez tivesse simplesmente mudado de ideias e estivesse neste preciso momento a corar enquanto aceitava o pedido de Matthew Hague, escrevendo mentalmente uma carta para mim.

Se isso acontecesse, bom, supus que havia sempre Dylan Wallace.

Então, do canto do olho vi a porta da frente abrir-se e Wilson surgir, seguido rapidamente do escrivão e atrás dele Matthew Hague, que oferecia o braço a Caroline, com Rose na retaguarda quando começaram a fazer o seu passeio.

Permanecendo a alguma distância deles, segui-os até ao porto, a pensar nas intenções dele. Certamente não seria no porto. O porto sujo, pestilento e cheio de gente, com aquele pivete a estrume e alcatrão queimado, a peixe fresco e a homens que regressavam de meses no mar sem tomarem um único banho durante esse tempo.

Encaminhavam-se para o que parecia ser uma escuna atracada na doca, à volta da qual se reuniam alguns homens. No entanto era difícil de perceber, já que pendurada na parte de trás do navio havia uma espécie de tela a tapar o nome da embarcação. Ainda assim, à medida que o grupo se aproximava do navio, achei que sabia o que era. Achei que sabia qual era o seu plano.

Assim, pararam diante do navio e, ainda escondido, vi o olhar nervoso de Caroline saltar de Matthew Hague para a escuna, imaginando que também ela se apercebera do propósito daquela visita.

De seguida, Hague ajoelhou-se e a tripulação da escuna, Wilson e o escrivão estacaram com as mãos atrás das costas, preparados para aplaudir enquanto Matthew Hague fez o seu pedido:

— Minha querida, dá-me a honra de se tornar minha esposa?

Caroline engoliu em seco e gaguejou.

— Matthew, t-temos de fazer isto aqui?

Ele lançou-lhe um olhar paternalista, depois, com um aceno entusiasmado, ordenou que a tela se soltasse da retaguarda da escuna. Ali, gravado a folha de ouro, estava o nome da embarcação: “Caroline”.

— Há lugar melhor que este, minha querida?

E se não tivesse sido pela situação, eu até talvez tivesse apreciado ligeiramente a visão de Caroline sem palavras. Normalmente ela era completamente segura de si. Suspeito que a dúvida e o quase pânico que vi nos seus olhos eram uma novidade tanto para ela como para mim.

— Matthew, deixa-me dizer, estás-me a envergonhar.

— Minha querida, querida Caroline, minha flor preciosa... — disse ele e fez um pequeno gesto para o seu escrivão, que começou imediatamente a remexer à procura da sua pena de modo a registar as palavras poéticas do seu amo.

— Mas de que outra forma poderia eu ter desvendado o meu dote para ti? Agora tenho de te pedir uma resposta. Por favor, com todas estas pessoas a olhar...

De facto, apercebi-me ao olhar à minha volta que todo o porto parecia ter parado, todos à espera das palavras de Caroline, que foram...

— Não, Matthew.

Hague levantou-se tão bruscamente que o seu escrivão foi obrigado

a correr para trás e quase caiu. A cara de Hague ensombrou-se e apertou os lábios na tentativa de manter a compostura e forçar um sorriso.

— É uma das tuas pequenas partidas, sim?

— Lamento que não, Matthew, estou noiva de outro homem.

Hague esticou-se em toda a sua altura, como se para intimidar Caroline. Ainda por entre a multidão, senti o meu sangue a ferver e comecei a avançar.

— “De outro homem” — estrebuchou. — E quem é este “outro homem”?

— Sou eu, senhor — anunciei ao chegar à frente da multidão e apresentando-me diante dele.

Olhou para mim com os olhos semicerrados.

— *Tu* — cuspiu.

Atrás dele, Wilson já avançava, e eu conseguia ver nos seus olhos a fúria de eu não ter acatado o seu aviso. E como isso se traduzia numa falha sua.

Esticando o braço, Hague parou-o.

— Não, Wilson — disse, acrescentando, acutilante —, aqui não. Não agora. Estou certo que a minha dama poderá querer reconsiderar...

Uma onda de surpresa e, suponho, bom humor percorreu a multidão e elevou-se de novo quando Caroline disse:

— Não, Matthew, Edward e eu vamo-nos casar.

Hague replicou.

— E o teu pai sabe disto?

— Ainda não — disse ela, acrescentando —, no entanto tenho a impressão de que irá saber em breve.

Por um instante, Hague permaneceu simplesmente de pé, a tremer de raiva e, pela primeira mas certamente não pela última vez, como se virá a verificar, cheguei a sentir pena dele. No momento seguinte começou a bradar aos transeuntes para voltarem para o seu trabalho, depois gritou à tripulação da escuna que voltasse a colocar a tela, de seguida chamou Wilson e o seu escrivão para abandonarem o porto, virando bruscamente as costas a Caroline e deitando-me um olhar de ódio ao sair. Atrás dele ia Wilson e os nossos olhos cruzaram-se. Lentamente, passou o dedo ao longo da garganta.

Na verdade não o devia ter feito, Wilson não era homem para brincadeiras, mas não me contive. Devolvi a sua ameaça de morte piscando-lhe o olho em gozo.

E foi assim que Bristol veio a conhecer que Edward Kenway, um pastor de ovelhas que valia apenas setenta e cinco libras por ano, iria casar com Caroline Scott.

Foi um grande escândalo: Caroline Scott casar abaixo do seu estatuto social teria sido motivo suficiente para mexericos. O facto de ter repudiado Matthew Hague pelo caminho causou bastante agitação e perguntava-me se, em última análise, esse escândalo não teria funcionado em nosso favor porque, apesar de eu me preparar para uma vingança — durante algum tempo procurava por Wilson em todas as esquinas e todas as manhãs olhava pela janela para o pátio com trepidação — ela nunca surgiu. Nunca vi Wilson, não ouvi nada de Matthew Hague.

Por fim, a ameaça ao nosso casamento não veio de fora; não dos Cobleighs, de Emmett Scott, Matthew Hague ou Wilson. Veio de dentro. Veio de mim.

É claro que tive tempo de sobra para pensar nos motivos. E o problema foi que eu voltava sempre ao meu encontro com Dylan Wallace e as suas promessas de riquezas nas Índias Ocidentais. Começava a ver aquilo como a minha única oportunidade de ser bem-sucedido por conta própria. A minha única hipótese de ser digno dela. É verdade que houve alguma glória imediata, talvez até se possa dizer um “estatuto” de ter casado com Caroline Scott, roubando-a debaixo do nariz de Matthew Hague. Mas isto foi rapidamente sucedido por uma espécie de... bem, apenas posso descrever como “estagnação”.

Emmett Scott desferiu o seu golpe durante o casamento. Suponho que deveríamos ter ficado gratos de ele e a mãe de Caroline se terem dignado a comparecer. No entanto, no que me dizia respeito, não estava assim tão grato. Teria preferido se o casal não tivesse aparecido. Odiei ver o meu pai, a segurar o chapéu, curvado e subserviente a Emmett Scott, que na verdade nem era da nobreza, apenas um mercador, diferente de nós não por qualquer linhagem aristocrática, mas só por dinheiro.

No entanto, fiquei contente que tivessem vindo por Caroline. Não é que aprovassem o casamento, longe disso. Mas ao menos não estavam dispostos a perderem a filha devido a isso.

Ouvi de relance a sua mãe dizer:

— Apenas queremos que sejas feliz, Caroline — e sabia que estava a falar apenas por ela. Nos olhos de Emmett Scott, não vi tal vontade. Vi o olhar de um homem a quem tinha sido negada a oportunidade de trepar mais alto na hierarquia social, um homem cujos sonhos de se tornar numa grande influência tinham sido despedaçados. Veio ao casamento em grande sofrimento, ou talvez pelo prazer de expor a sua opinião no adro da igreja depois dos votos terem sido feitos.

Emmett Scott tinha cabelo preto penteado para a frente, maçãs do rosto cavadas e escuras e uma boca permanentemente apertada numa forma semelhante à do rabo de um gato. Na verdade, a sua cara mostrava a expressão permanente de um homem a morder um limão com força.

À exceção desta única ocasião, quando apertou os lábios num sorriso amarelo e disse:

— Não vai haver dote.

A sua esposa, a mãe de Caroline, fechou os olhos com força, como se fosse um momento que ela receasse, mas tivera esperanças de não acontecer. Suponho que tivessem discutido e a última palavra tivesse ficado com Emmett Scott.

Então fomos viver para um barracão na quinta do meu pai. Arranjámo-lo da melhor maneira que conseguimos mas, afinal de contas, não deixava de ser um barracão: paredes de lama e paus, o nosso telhado de colmo a precisar de reparações.

Juntámo-nos no verão, é claro, quando a nossa casa era um santuário fresco, longe do sol escaldante. Mas no inverno, com a chuva e o vento, era tudo menos um santuário, Caroline estava acostumada a uma casa de cidade em tijolo com a vida de Bristol em seu redor, com criados a seu mando para lhe lavarem a roupa, cozinharem e satisfazer todos os seus caprichos. Aqui não era rica. Era pobre. E o seu marido era pobre. Sem perspetivas de futuro.

Comecei a fazer visitas às estalagens mais uma vez, mas já não era o

mesmo homem de antes, não como tinha sido nos tempos de solteiro; o bêbado alegre e fanfarrão, o brincalhão. Agora tinha o peso do mundo sobre os ombros e sentava-me de costas para a sala, curvado, pensativo a beber cerveja, sentindo-me como se todos eles estivessem a falar sobre mim, como se estivessem todos a dizer “Ali vai Edward Kenway, que não consegue tomar conta da sua esposa”.

É claro que havia sugerido a Caroline tornar-me corsário. E embora ela não tivesse dito que não — afinal não deixava de ser minha mulher — não tinha dito que sim, e nos seus olhos havia dúvidas e preocupação.

— Não te quero deixar sozinha, mas posso ir-me embora pobre e regressar rico — disse-lhe eu.

Agora, se fosse para eu ir, iria sem a bênção dela e deixá-la-ia sozinha numa cabana no campo e o seu pai iria dizer que eu a tinha abandonado, a sua mãe desprezar-me-ia por ter feito Caroline infeliz.

Não podia vencer.

— É perigoso? — perguntou ela numa noite quando eu falei sobre ser corsário.

— Não seria tão bem pago se não fosse — disse-lhe e, é claro, ela aceitou relutantemente que eu poderia ir. Que escolha tinha ela? Mas não a queria deixar para trás de coração partido.

Certa manhã acordei de uma bebedeira, pestanejando da luz matinal, para ver Caroline já vestida para o dia.

— Não quero que vás — disse ela e virou-se, saindo do quarto.

Noutra noite, estava sentado no Livid Brews. Gostava de poder dizer que, ao contrário de mim mesmo, estava sentado de costas para o resto da taberna, curvado sobre a minha caneca, dando grandes goles por entre pensamentos sombrios e a ver o nível descer. Sempre a ver o nível da minha cerveja descer.

Mas a triste realidade era que eu *estava* em mim mesmo. Aquele jovem sempre pronto com uma piada e um sorriso tinha desaparecido. Em seu lugar estava um jovem ainda, mas alguém que agora tinha as preocupações do mundo nas costas.

Na quinta, Caroline ajudava a mãe que, a princípio havia ficado horrorizada com a ideia, dizendo que Caroline era demasiado senhora para trabalhar na quinta. Caroline limitou-se a rir e insistiu. Quando a vira percorrer o mesmo pátio onde a tinha visto pela primeira vez, montada de frente no seu cavalo, e agora com um chapéu branco liso, botas de trabalho, um vestido e avental, sentira orgulho. Agora, quando a via em roupas de trabalho, lembrava-me do meu próprio falhanço enquanto homem.

Aquilo que piorou de alguma forma a situação foi o facto de Ca-

roline não se parecer importar. Era como se ela fosse a única pessoa na região que não via a sua posição atual como uma descida na hierarquia social. Todos os outros viam, e ninguém o sentia mais fortemente que eu.

— Posso oferecer-lhe outra cerveja? — Reconheci a voz que vinha de trás de mim e virei-me para o ver ali: Emmett Scott, o pai de Caroline. Vira-o pela última vez no casamento quando ele recusou dar o dote à sua filha. No entanto, isto é o que se passa com a bebida. Quando estamos a beber como eu estava, quando estamos a ver o nível descer e nos perguntamos de onde virá o próximo, aceitamos uma caneca cheia seja de quem for. Até de Emmett Scott. Nosso inimigo declarado. Um homem que nos odiava quase tanto como nós o odiávamos a ele.

Então aceitei a sua oferta de uma cerveja e ele trouxe a sua, e puxou por um banco que chiou no chão ao se sentar.

Lembras-te da expressão de Emmett Scott? Aquela de um homem a chupar num limão. Agora, a falar comigo, o odioso Edward Kenway, podia dizer-se que ele parecia estar em ainda maior sofrimento. A taberna era um sítio onde eu me sentia completamente em casa, um ambiente no qual eu me poderia perder, mas não tinha nada a ver com ele. De vez em quando ele olhava pelo ombro, depois pelo outro, como se tivesse medo de ser subitamente atacado por trás.

— Julgo que nunca tivemos a oportunidade de falar — disse ele. Respondi com um riso curto e jocoso.

— A sua comparência no casamento encerrou esse assunto, não foi? É claro que a bebida me tinha soltado a língua, dando-me coragem. Isso e o facto de que tinha sido eu a vencer a batalha para ganhar a sua filha. Afinal, o coração dela pertencia-me. E não havia maior evidência da sua devoção do que o facto de ter abdicado de tanto para estar comigo. Até ele devia ver isso.

— Somos ambos homens do mundo, Edward — disse ele simplesmente, e era possível ver que tentava apresentar-se no comando da situação. Mas não me enganava. Eu via-o pelo que ele era na realidade: um homem amedrontado e desagradável, intimidado nos negócios, que cuspi de cima, que provavelmente batia dos seus criados e na sua mulher, que presumia que as pessoas da minha laia deviam curvar-se e serem subservientes perante ele tal como a minha mãe e o meu pai o tinham feito (e ainda tinha uma ponta de raiva de me lembrar disso) durante o casamento.

— E que tal se chegarmos a um acordo como homens de negócios? Dei um longo gole na minha cerveja e olhei-o nos olhos.

— O que tinha em mente, caro sogro?

A sua cara endureceu.

— Tu abandona-la. Expulsa-la. O que quiseres. Liberta-la. Devolve-ma.

— E se o fizer?

— Faço de ti um homem rico.

Acabei com o resto da minha cerveja. Ele apontou para ela em interrogação e eu disse que sim, aguardei um pouco até ele ir buscar outra, depois bebi-a, quase de uma assentada. A sala começava a andar à roda.

— Bom, sabe o que pode fazer com a sua oferta, não sabe?

— Edward — disse ele, inclinando-se para a frente —, ambos sabemos que não consegues cuidar da minha filha. Eu sei que a amas, porque em tempos fui como tu, um homem sem qualidades.

Olhei para ele com os dentes cerrados.

— Sem qualidades?

— Oh, é verdade — chispou, encostando-se para trás. — És um pastor, rapazote.

— O que aconteceu a “Edward”? Julguei que me estava a tratar como um igual.

— Um igual? Nunca chegará o dia em que tu sejas igual a mim, e sabes disso.

— Está enganado. Eu tenho planos.

— Já ouvi falar dos teus planos. Ser corsário. Tornares-te num homem com consistência no alto-mar. Não tens estofos para isso, Edward Kenway.

— Tenho sim.

— Não tens a fibra moral. Estou a oferecer-te uma saída do buraco que escavaste para ti mesmo, rapazote, sugiro que penses nisso muito bem.

Emborquei o resto da minha cerveja.

— E que tal se eu pensar nisso depois de outra cerveja?

— Como queiras.

Surgiu uma caneca nova à minha frente que bebi logo para que ficasse na história, enquanto a minha mente rodopiava. Ele tinha razão. Essa era a parte mais devastadora de toda a conversa. Emmett Scott tinha razão. Eu amava Caroline, no entanto não conseguia cuidar dela. E se eu fosse verdadeiramente um bom marido, teria que aceitar a proposta dele.

— Ela não quer que eu vá embora — disse eu.

— E tu queres ir?

— Quero que ela apoie os meus planos.

— Ela nunca o fará.

— Só posso ter esperança que o faça.

— Se ela te ama como diz, nunca o fará.

Mesmo no meu estado de embriaguez era impossível questionar a sua razão. Eu sabia que ele estava certo. Ele sabia que estava certo.

— Fizeste inimigos, Edward Kenway. Muitos inimigos. Alguns deles poderosos. Porque achas que esses inimigos ainda não se vingaram de ti?

— Têm medo? — a minha voz era arrogante da embriaguez.

Riu-se.

— É claro que não têm medo. Deixam-te em paz por causa de Caroline.

— Então, seu aceitasse a sua proposta, não haveria nada que impedisse os meus inimigos de me atacarem?

— Nada a não ser a minha proteção.

Não tinha certeza disso.

Emborquei mais uma cerveja; ele ficava cada vez mais desanimado. Ainda lá estava no final da noite, a sua mera presença a lembrar-me de quão pequenas eram as minhas escolhas.

Quando me tentei pôr de pé para me levantar, as minhas pernas quase cederam e tive de me agarrar à mesa para me manter de pé. O pai de Caroline, com um ar de repugnância na cara, veio para me ajudar e, sem eu ter tempo para me aperceber, estava a levar-me para casa, não para garantir que eu chegava bem, mas para se certificar que Caroline me via naquele estado embriagado, o que aconteceu quando entrei às gargalhadas. Emmett Scott expirou e disse-lhe:

— Este desgraçado é um homem arruinado, Caroline. Não serve para a vida em terra, muito menos no mar. Se ele for para as Índias Ocidentais, vais ser tu quem sofre.

— Pai... pai.

Ela soluçava, transtornada e eu, quando já estava deitado na cama, vi as botas dele virarem e foi-se embora.

— O velho fuinha — consegui dizer. — Está enganado em relação a mim.

— Espero que sim — respondeu ela.

Deixei a minha imaginação ébria levar-me para longe.

— Acreditas em mim, não acreditas? Não me vêes ali, de pé no convés de um navio a deslizar para o porto. Ali estou eu, um homem de qualidade... Com mil dobrões a caírem-me do bolso como gotas de chuva. Consigo vê-lo.

Quando olhei para ela, ela abanava a cabeça. Ela não o conseguia ver.

E quando fiquei sóbrio no dia seguinte, eu também não.

Suponho que fosse apenas uma questão de tempo. A minha falta de perspectivas tornou-se como mais uma pessoa no casamento. Ponderei sobre as minhas opções. Emmett Scott a oferecer-me dinheiro em troca da sua filha de volta. Os meus sonhos de velejar para longe.

Ambas envolviam partir o coração de Caroline.

No dia seguinte voltei para falar com Emmett Scott, regressando a Hawkins Lane, onde bati à porta para pedir para ser recebido. Quem haveria de abrir a porta senão Rose?

— Sr. Kenway — disse ela, surpreendida e corando um pouco. Houve um momento de constrangimento, depois pedi-me para aguardar, pouco tempo depois fui conduzido até ao escritório de Emmett Scott, uma sala dominada por uma secretária ao centro, com um revestimento de madeira que criava um ambiente sombrio e sério. Ele estava de pé em frente à sua secretária e, no meio da obscuridade, com o seu cabelo escuro, o seu ar cavernoso e as maçãs do rosto cavadas, assemelhava-se a um corvo.

— Então, pensaste na minha proposta?

— Pensei — respondi — e achei melhor dizer-lhe a minha decisão o mais rapidamente possível.

Cruzou os braços e a sua cara abriu-se num sorriso triunfante.

— Então vieste fazer as tuas exigências? Quanto vale a minha filha?

— Quanto estava disposto a pagar?

— “Estava”?

Era a minha vez de sorrir, embora tivesse o cuidado de não exagerar. Emmett Scott era perigoso. Eu estava a fazer um jogo perigoso com um homem perigoso.

— É verdade. Decidi ir para as Índias Ocidentais.

Eu sabia onde podia encontrar Dylan Wallace. Tinha dado as notícias a Caroline.

— Estou a ver.

Ele batia com as pontas dos dedos, parecia estar a pensar.

— Mas não tencionas ficar longe permanentemente?

— Não.

— Não eram esses os termos da minha proposta.

— Não eram bem os termos da sua proposta, não — disse eu. —

Na verdade é uma contraproposta. Uma medida que eu espero ser do seu agrado. Sou um Kenway, Sr. Scott; tenho o meu orgulho. Espero que compreenda isso. Compreenda também que eu amo a sua filha, por muito que lhe custe, e apenas quero o melhor para ela. O meu objetivo é regressar das minhas viagens um homem rico e, com a minha fortuna, dar a Caroline a vida que ela merece. Estou certo que é a vida que o senhor desejaria para ela.

Ele assentia, embora os seus lábios cerrados revelassem o seu total desprezo pela ideia.

— E?

— Dou-lhe a minha palavra que não regressarei aqui até me tornar num homem rico.

— Estou a ver.

— E dou-lhe a minha palavra de que não contarei a Caroline que tentou comprá-la de volta.

A sua face ensombrou-se.

— Estou a ver.

— Apenas peço que me seja dada a oportunidade para fazer fortuna; para cuidar de Caroline da forma a que ela está acostumada.

— Vais continuar a ser o marido dela, não é aquilo que eu queria.

— Acha que eu sou um inútil, impróprio para ser marido dela. Espero poder provar-lhe que está enganado. Enquanto estiver fora, certamente verá Caroline mais vezes. Se o seu ódio por mim for assim tão profundo, talvez utilize a oportunidade para a envenenar contra mim. O que interessa é que irá ter possibilidades que cheguem para isso. Mais, eu posso até morrer no mar; nesse caso ela volta para si para sempre, uma jovem viúva, ainda com idade para casar. É essa a minha proposta. Em troca, peço apenas que me deixe tentar ser bem-sucedido por mim, sem interferências.

Ele assentiu, ponderando, talvez saboreando a ideia de me ver morrer no mar.

Dylan Wallace colocou-me na tripulação do *Emperor*, que estava ancorado no porto de Bristol e partiria dentro de dois dias. Regressei a casa e disse à minha mãe, pai e Caroline.

É claro que houve choro e recriminações e súplicas para ficar, mas mantive a minha resolução e, depois de dar a minha notícia, Caroline saiu transtornada. Precisava de tempo para pensar, dizia ela, e ficámos de pé no pátio a vê-la galopar para junto da sua família, onde pelo menos iria dar a notícia a Emmett Scott, que iria saber que eu estava a cumprir a minha parte do negócio. Apenas podia ter esperança — ou melhor, tinha esperança naquela altura — que ele também cumprisse a sua parte.

Mas enquanto estou aqui sentado a falar contigo, tantos anos depois, bom, a verdade é que não sei se ele o fez. Mas eu irei cumprir a minha. Brevemente. E irá haver um dia de ajuste de contas...

Mas não nessa altura. Nessa altura eu era jovem, idiota, arrogante e convencido. Era tão convencido que, assim que Caroline se foi embora, voltei a frequentar as tabernas e talvez até alguma da minha vivacidade de antigamente tenha regressado quando eu dizia a quem quisesse ouvir que iria embarcar, e que o Sr. e a Sra. Kenway brevemente se tornariam num casal rico graças às minhas proezas em alto-mar. Deliciava-me com o olhar de gozo que me faziam, com as suas réplicas que me estava a pôr em bicos dos pés ou que não tinha estofo suficiente para aquilo, que brevemente iria regressar com o rabo entre as pernas, que estava a desiludir o meu pai.

Não deixei o meu sorriso descair nem uma vez. O meu sorriso confiante. O meu sorriso que dizia “Vão ver.”

Mas mesmo com a bebida dentro de mim e a minha partida dentro de mais ou menos um dia — ou talvez por causa disso — não deixei de levar as palavras deles a peito. Perguntava-me a mim mesmo, *Serei eu homem suficiente para sobreviver a uma vida de corsário? Irei eu regressar com o rabo entre as pernas?* E sim, sabia que poderia morrer.

Eles também tinham razão: estava a desiludir o meu pai. Tinha visto a decepção nos seus olhos no momento em que lhe dera a notícia e tinha permanecido assim desde então. A tristeza, talvez por o seu sonho de trabalharmos juntos na quinta, por muito que tivesse desaparecido anteriormente, ficasse completamente despedaçado. Eu não estava apenas a partir para abraçar uma nova vida, estava também a rejeitar completamente a antiga. A vida que ele construía para ele próprio, para a minha mãe e para mim. Eu estava a rejeitá-la, como se tivesse decidido que era demasiado bom para isso.

Talvez nunca tenha pensado muito no impacto que tudo isto fosse ter sobre a relação de Caroline com a minha mãe e o meu pai mas, olhando agora em retrospectiva, é ridículo eu ter pensado que ela iria simplesmente permanecer na quinta.

Voltei para casa numa noite para a encontrar vestida.

— Onde vais? — balbuciei, depois de ter passado a noite quase toda numa taberna.

Ela não me conseguia encarar. Junto a seus pés havia um lençol atado num saco volumoso a contrastar de alguma forma com o seu vestido que, olhando mais atentamente, era mais formal que o costume.

— Não, eu... — O seu olhar cruzou-se finalmente com o meu. — Os meus pais pediram-me para ir viver com eles. E eu gostava de ir.

— O que queres dizer com “viver com eles”? Tu vives aqui. Comigo.

Ela disse-me que eu não devia ter desistido do trabalho com o meu pai. Devia estar contente com o que tinha.

Devia estar contente com ela.

Tentei por entre a neblina da cerveja dizer-lhe que *era* feliz com ela. Que tudo o que estava a fazer era por ela. É claro que ela tinha falado com os seus pais quando saíra e, embora eu esperasse que o seu pai a comesse a envenenar contra mim, não contava que aquele verme comesse tão cedo.

— Um salário justo? — gritei enraivecido. — Aquele trabalho parecia-se com um maldito roubo. Queres estar casada com um homem do povo a vida toda?

Tinha falado demasiado alto. Olhámos um para o outro e custou-me

pensar que o meu pai pudesse ter ouvido. Com isto, ela saiu. E eu fui atrás dela, ainda a tentar persuadi-la a ficar.

Não serviu de nada e, na manhã seguinte, quando já estava sóbrio e me recordei dos acontecimentos da noite anterior, a mãe e o pai olhavam para mim com um ar soturno e acusatório. Não só gostavam — diria até *amavam* — Caroline, já que a mãe tinha perdido uma filha muitos anos antes, logo Caroline era a filha que eles nunca tinham tido, mas ela também ajudava na quinta e fazia-o a custo quase nenhum. Dizia ela que era para ajudar...

— Talvez antes de vir o bebé? — dizia a minha mãe, dando um encontro no peito do meu pai, sorridente. A isto, Caroline corava e respondia:

— Talvez.

Bom, estávamos a tentar. E é claro que isso iria acabar enquanto eu estivesse longe nas minhas viagens. E para além de ela ser estimada e ajudar na quinta, sendo mais uma mulher em casa, também ajudara a minha mãe com os números e as letras.

Agora tinha partido; tinha partido porque eu não estava contente com o meu estatuto. Tinha partido porque eu queria aventura. Porque a bebida já nada fazia para afastar o tédio.

Ela perguntara-me por que motivo não conseguia eu ser feliz com ela. Eu *era* feliz com ela.

Ela perguntara-me por que motivo não conseguia ser feliz com a minha vida. Mas eu não era feliz com a minha vida.

Fui vê-la para a tentar persuadir a mudar de ideias. A meu ver, ela continuava a ser minha esposa, eu continuava a ser seu marido e aquilo que eu estava a fazer era para bem do casamento, para bem de *ambos*, não apenas para meu bem.

(E pensar que me iludi a achar que isso era verdade. Talvez até o fosse numa pequena parte. Mas eu sabia, e provavelmente também ela que, embora fosse claro que eu queria tomar conta dela, também queria ver o mundo para lá de Bristol.)

Não serviu de nada. Ela disse-me que estava preocupada pela minha vida. Respondi que iria ser cuidadoso, que iria regressar com dinheiro ou mandar alguém para a levar para junto de mim. Disse-lhe que precisava que ela tivesse fé, mas as minhas súplicas caíram em saco roto.

No dia em que era suposto eu partir, deixei-os e fiz as minhas malas, atirei os sacos para cima do meu cavalo e fui-me embora, com aqueles olhares acusadores a queimarem-me as costas, a ferirem-me como setas. Cavalguei pelo escuro à medida que a noite caía pesadamente e ali encontrei o *Emperor*. Mas em vez de encontrar a agitação que seria de

esperar, visto estar previsto o navio partir na manhã seguinte, dei por ele quase deserto. As únicas pessoas presentes eram um grupo de seis homens que presumi serem grumetes, sentados a jogar com frascos de couro com rum a jeito, barris a servirem de cadeiras e um caixote a servir de mesa.

Olhei para eles e depois para o *Emperor*. Era um navio mercante reconvertido e subia alto acima do nível da água. Os conveses estavam vazios, nenhuma das lanternas estava acesa e os corrimões brilhavam à luz da lua. Era um gigante adormecido e, apesar de ter ficado perplexo pela falta de movimento no navio, não deixei de ficar abismado com o seu tamanho e estatura. Eu iria trabalhar naqueles conveses. Iria dormir numa cama de rede naqueles conveses inferiores. Iria trepar os mastros. Estava a olhar para a minha nova casa.

Um dos homens olhou-me apreensivamente.

— O que podemos fazer por ti? — disse ele.

Engoli em seco, sentindo-me muito jovem e inexperiente e, de súbito, perguntando-me tragicamente se tudo o que diziam sobre mim — o pai de Caroline, os bêbados nas tabernas, até a própria Caroline — seria verdade: que, de facto, eu não estava talhado para a vida no mar.

— Vim alistar-me — disse eu. — Dylan Wallace enviou-me.

Um gracejo percorreu o grupo e cada um deles olhou para mim ainda com mais interesse.

— Dylan Wallace, o recrutador, hein? — disse o primeiro. — Já nos mandou um ou dois antes. O que sabes fazer, rapazote?

— O Sr. Wallace achou que eu tinha estofa para o serviço — disse eu, tentando aparentar mais confiante e capaz do que me sentia.

— Como está a tua visão? — disse um.

— A minha visão está boa.

— Tens cabeça para as alturas?

Agora sabia o que eles queriam dizer, ao apontarem para o ponto mais alto dos cordames do *Emperor*, era o cesto da gávea, o posto de vigia.

— Penso que o Sr. Wallace me achou melhor como marinheiro.

Na realidade ele tinha dito estofa de oficial, mas eu não ia dizer isso a esta gente. Era jovem e estava nervoso. Não era parvo.

— Bom, sabes coser, rapaz? — foi a resposta.

Certamente estariam a gozar comigo.

— Mas então que tem a costura a ver com ser corsário? — perguntei, sentindo-me um pouco imprudente apesar das circunstâncias.

— Um marinheiro tem de ser capaz de coser, rapazote — disse um dos outros homens. Tal como os outros, este tinha um rabo-de-cavalo

com alcatrão e tatuagens que lhe saíam das mangas e colarinho da camisa. — Também tem de ser bom a fazer nós. És bom a fazer nós, rapazote?

— Isso são coisas que eu posso aprender — respondi.

Olhei fixamente para o navio com as suas velas recolhidas, cordames pendurados dos mastros em arcos arrumados e o casco pontilhado de barris de latão que se viam no convés dos canhões. Vi-me como os homens que estavam sentados nos barris diante de mim, as suas caras ressequidas e morenas do tempo passado no mar, olhos a transbordar de perigo e aventura. Guardiães do navio.

— Vais ter de te habituar a muito mais para além disso — disse um homem — raspar cracas do casco, calafetar o barco com alcatrão.

— Trouxeste os teus pés de marujo, rapaz? — perguntou outro. Agora riam-se de mim. — Vais conseguir aguentar o estômago quando o barco estiver colado às ondas e aos ventos de um furacão?

— Acho que consigo — respondi, acrescentando num brusco impulso de raiva —, de qualquer forma, não foi por isso que o Sr. Wallace achou que eu seria um bom marinheiro.

Olharam uns para os outros. O ambiente mudou um pouco.

— Ai sim? — disse um deles, rodando as pernas. Vestia umas calças sujas de lona. — Então porque é que o oficial de recrutamento achou que darias um bom marinheiro?

— Como me viu em ação, achou que eu poderia ser útil em batalha. Levantou-se.

— Então és um lutador?

— É verdade.

— Bom, vais ter oportunidades de sobra para provar as tuas capacidades nessa área rapazote, começando por amanhã. Talvez eu me ofereça para um combate, não?

— O que queres dizer com “amanhã”? Perguntei.

Ele tinha-se sentado, virando a sua atenção de volta para o jogo.

— Amanhã quando partirmos.

— Disseram-me que partiríamos esta noite.

— Partimos amanhã, garoto. O capitão ainda nem sequer está aqui. Partimos logo de manhã.

Deixei-os, sabendo que poderia muito bem ter feito os meus primeiros inimigos no navio. Ainda assim, tinha algum tempo, tempo para acertar as coisas. Peguei no meu cavalo e segui para casa.

Galopei na direção de Hatherton, a caminho de casa. Porque estava eu a regressar? Talvez para lhes pedir desculpa. Talvez para explicar o que me passava pela cabeça. Afinal, eu era seu filho. Talvez o pai visse em mim algum vestígio dele próprio. E talvez me perdoasse se o visse.

Isto porque, enquanto regressava pela estrada fora, aquilo de que me apercebi mais do que tudo era querer que ele me perdoasse. Ambos.

Será de espantar que eu estivesse distraído, que tivesse baixado a minha guarda?

Estava perto de casa, onde as árvores formavam uma via estreita, quando senti movimento nas sebes. Parei e escutei. Quando vivemos no campo, sentimos as mudanças e agora havia algo de diferente. De cima veio um assobio agudo que apenas poderia ser um aviso e, ao mesmo tempo, vi mais movimentação à minha frente, no pátio da nossa quinta.

Com o coração nas mãos, piquei o cavalo para galopar até ao pátio. Ao mesmo tempo vi o fulgurar inconfundível de uma tocha. Não era uma lanterna, mas sim uma tocha. O género de tocha que se usa quando se pretende atear fogo a alguma coisa. Simultaneamente, vi figuras a correr e, sob a luz das tochas, vi que envergavam capuzes.

— Ei — gritei, tanto para acordar a mãe e o pai, como para afugentar os nossos atacantes.

— Ei — gritei de novo.

Uma tocha fez um arco pelo ar, girando sobre si mesma e deixan-

do um rasto cor de laranja no céu noturno até aterrar num chuvisco de fagulhas em cima do telhado de colmo da nossa casa. Estava seco, *seco como lenha*. Tentávamos mantê-lo molhado durante o verão por o risco de incêndio ser tão grande, mas havia sempre algo mais importante a fazer e, provavelmente, não era molhado há uma semana, porque se incendiou completamente num segundo.

Vi mais figuras. Três, talvez quatro. E depois, quando eu já estava a entrar no pátio e me aproximei, um vulto atirou-se a mim de lado, as suas mãos agarraram na minha túnica e fui arrastado por trás para fora do meu cavalo.

Fiquei sem fôlego ao bater com força no chão. Ali perto havia pedras para fazer um muro. “Armas”. Então, por cima de mim surgiu uma figura encapuzada como os outros que tapou a lua. Antes de eu conseguir reagir, parou e consegui perceber brevemente o tecido do capuz que se mexia em frente à boca enquanto ofegava. Depois, o seu punho cerrado foi contra a minha cara. Contorci-me e o seu segundo golpe acertou-me no pescoço. A seu lado apareceu outra figura e, ao ver o reluzir do aço, sabia que seria incapaz de fazer o que fosse e preparei-me para morrer. Mas o primeiro homem parou o recém-chegado com uma simples ordem “Não” e pelo menos fui salvo da lâmina, mas não da tarefa e uma bota nas minhas costelas redobrou a minha dor.

Aquela bota — eu reconhecia aquela bota.

Veio novamente, mais uma e outra vez até que, por fim, parou e o meu atacante fugiu. Agarrei a minha barriga ferida com as mãos e rebolei para a frente e tossi, com a escuridão a ameaçar engolir-me. Talvez a deixasse vir. A ideia de me afundar até desaparecer parecia tentadora. Deixar que a perda de sentidos me tirasse as dores. Que me largasse no futuro.

Ouvia o barulho de pés a correr dos meus atacantes que fugiam. Alguns gritos indistintos. Os balidos das ovelhas agitadas.

Mas não. Ainda estava vivo, não estava? Quando estava prestes a provar o aço, tinha-me sido dada uma segunda oportunidade e era demasiado boa para abdicar dela. Tinha que salvar os meus pais. E sabia logo ali que iria fazer com que aquelas pessoas pagassem. O dono daquelas botas iria arrepender-se de não me ter matado quando teve a oportunidade. Disso tinha eu a certeza.

Levantei-me. O fumo elevava-se pelo pátio como uma parede de nevoeiro. Um dos celeiros já estava em chamas. A casa também. Tinha de os acordar, tinha de acordar a minha mãe e o meu pai.

O chão à minha volta era banhado pelo brilho alaranjado do fogo. Assim que me levantei, apercebi-me dos cascos de cavalos e, ao virar, vi

vários cavaleiros em retirada; afastavam-se da quinta depois de um trabalho bem-sucedido, com tudo em chamas. Peguei numa pedra e pensei em atirá-la contra um dos cavaleiros, mas havia assuntos mais importantes com que me preocupar e, em vez disso, num grunhido que era tanto de esforço como de dor, atirei-a para a janela de cima da casa.

A minha pontaria foi boa e rezei para que fosse suficiente para acordar os meus pais. O fumo já era espesso no pátio, o rugido das chamas parecia ter vindo do inferno. As ovelhas guinchavam nos celeiros ao morrerem queimadas.

Eles apareceram à porta: o pai a combater as chamas com a mãe nos seus braços. Tinha um ar preocupado, o olhar vazio. A única coisa em que ele conseguia pensar era em certificar-se que ela estava a salvo. Depois de levar a mãe para longe das chamas e a ter deitado cuidadosamente no pátio junto de onde eu estava de pé, endireitou-se e, tal como eu, olhou impotente para o edifício em chamas, Corremos para o celeiro onde já não se ouviam os berros das ovelhas: o nosso gado, a subsistência do meu pai, destruído. Então, com a cara quente e a reluzir sob a luz das chamas, o meu pai fez algo que eu nunca antes tinha visto. Começou a chorar.

— Pai... — aproximei-me dele e ele afastou o ombro, encolhendo-se zangado. Quando se virou para mim, a sua cara negra do fumo e raiada de lágrimas, assentiu com uma violência contida, como se fossem precisas todas as gotas de autocontrolo para o impedir de atacar. De me atacar a mim.

— Veneno. É o que tu és — disse ele entredentes —, veneno. A ruína das nossas vidas.

— Pai...

— Sai daqui — cuspiu. — Sai daqui. Nunca mais te quero ver.

A mãe mexeu-se como se fosse protestar e, em vez de enfrentar mais transtornos, em vez de *provocar* mais transtornos, montei o meu cavalo e parti.

Seria a última vez que via tanto um como outro.

Voei pela noite acompanhado pela mágoa e pela fúria, cavalgando pela estrada até à cidade e parando no Auld Shillelagh, onde tudo isto havia começado. Cambaleei para o interior, com um braço ainda agarrado ao peito dorido e a cara a pulsar da sova.

As conversas na taberna pararam. Tinha toda a atenção.

— Estou à procura de Tom Cobleigh e o fuinha do seu filho — consegui dizer, ofegando e com um olhar soturno. — Estiveram aqui?

Viraram costas para mim. Encolheram os ombros.

— Não queremos problemas aqui — disse Jack, o senhorio, atrás do bar. — Muito obrigado, mas, vindo de ti, já tivemos sarilhos para a vida inteira, Edward Kenway. — Pronunciou “obrigado” como se fosse uma só palavra “muitobrigado”.

— Vais saber bem o que significam sarilhos se estás a encobrir os Cobleighs — avisei e dirigi-me para o bar onde ele estendeu a mão para algo que eu sabia estar lá: uma espada que estava presa por um prego longe da vista. Cheguei lá primeiro e estiquei-me num movimento que me fez doer o estômago, mas apanhei-a e desembainhei-a num movimento rápido.

Aconteceu tudo demasiado rápido para Jack reagir. Num segundo estava a pensar em chegar à espada, no outro a seguir essa mesma espada estava contra a sua garganta, “muitobrigado”.

A luz na estalagem estava baixa. Crepitava um fogo na grelha, dançavam sombras negras pelas paredes e os fregueses olhavam-me de soslaio atentamente.

— Agora conta-me — disse eu, virando a espada para a garganta de Jack, fazendo com que ele se encolhesse —, os Cobleighs vieram aqui hoje?

— Não era suposto partires no *Emperor* esta noite?

Não fora Jack a falar, mas sim outra pessoa. Alguém que eu não consegui ver na escuridão. Não reconheci a voz.

— Sim, bom os meus planos mudaram e ainda bem que sim, caso contrário a minha mãe e o meu pai teriam morrido queimados durante o sono — subi o tom de voz. — Era isso que todos vocês queriam? Porque era isso que teria acontecido. Sabiam disto?

Não se ouvia uma mosca na taberna. Observavam-me através da escuridão: os olhos de homens com quem eu tinha bebido e brigado, mulheres com quem me tinha deitado. Guardavam os seus segredos. Continuariam a guardá-los.

De fora veio o barulho de uma carroça a chegar. Todos os outros também a ouviram. A tensão na taberna parecia aumentar. Podiam ser os Cobleighs. Talvez viessem para assegurar um álibi. Empunhando ainda a espada contra a sua garganta, arrastei Jack por detrás do bar e para a porta da estalagem.

— Ninguém diga nada — avisei. — Se ninguém disser nada, a garganta de Jack mantém-se fechada. A única pessoa aqui que precisa de sofrer é quem incendiou a quinta do meu pai.

Agora ouviam-se vozes da rua. Ouvi Tom Cobleigh. Coloquei-me atrás da porta assim que esta se abriu, com Jack como escudo e a ponta da espada contra o seu pescoço. O silêncio era de morte e imediatamente perceptível para os três homens que demoraram um segundo a mais para se aperceberem que algo estava errado.

Aquilo que ouvi ao entrarem foi a gargalhada gutural de Cobleigh e aquilo que vi foi um par de botas que reconheci, as botas de Julian. Então saí de trás da porta e trespassei-o com a espada.

Devias ter-me matado quando tiveste hipótese é o que vou mandar gravar na minha lápide.

Parado na ombreira da porta, Julian ficou simplesmente de pé embasbacado, virando os olhos bem abertos primeiro para a espada cravada no seu peito, depois para os meus olhos. O seu último olhar foi para o seu assassino. O seu último insulto foi cuspir bolhas de sangue na minha cara ao morrer. Não era o último homem que eu mataria. Nem pensar. Mas seria o primeiro.

— Tom! É o Kenway! — veio um grito de dentro da taberna, mas não era necessário, até para alguém tão estúpido como Tom Cobleigh.

Os olhos de Julian ficaram vazios e apagaram-se à medida que des-

lizava pela minha espada e cambaleava sob a ombreira da porta como um bêbado ensanguentado. Atrás dele estava Tom Cobleigh e o seu filho Seth, boquiabertos como homens perante um fantasma. De seguida largaram todas as ideias de uma caneca refrescante e a satisfação de se gabarem do entretenimento dessa noite, dando meia-volta para fugir.

O corpo de Julian estava no meu caminho e ganharam segundos preciosos enquanto eu trepava por cima dele para entrar na escuridão da estrada. Seth tinha tropeçado e estava prestes a levantar-se do chão, enquanto Tom, sem esperar nem parar para ajudar o seu filho, corria pela estrada fora em direção à quinta do lado oposto. Eu estava em cima de Seth num instante, com a espada raiada de sangue numa mão, e passou-me pela cabeça fazer com que ele fosse o meu segundo homem a matar. Tinha o sangue a ferver e afinal sempre se costuma dizer que o primeiro é o mais difícil. Não estaria eu a fazer um favor ao mundo se me livrasse de Seth Cobleigh?

Mas não. Tinha piedade. E tal como piedade, tinha dúvidas. Havia a possibilidade, ainda que mínima, de Seth não ter lá estado.

Em vez disso, ao passar por ele, acertei-lhe com o punho da espada com força na sua nuca e fui brindado com um grito ultrajado de dor e o som dele a cair de costas para o chão, com alguma sorte, inconsciente. Ultrapassei-o a correr freneticamente e atravessei a estrada no encaço de Tom.

Sei o que estás a pensar. Também não tinha provas de que Tom lá estivesse. Mas eu sabia. Apenas isso.

Do outro lado da estrada, Tom arriscou olhar rapidamente para trás por cima do ombro antes de meter as mãos no topo do muro de pedra e se erguer para o outro lado. Ao ver-me, soltou um pequeno gemido assustado e tive tempo para achar que, apesar de ser ágil para um homem da sua idade — sem dúvida com o medo a ajudar à sua velocidade — estava praticamente em cima dele. Troquei a espada de mão para poder saltar sobre o muro, aterrei de pé no outro lado e corri atrás dele.

Já estava tão perto que conseguia sentir o seu fedor, mas ele tinha chegado a um telheiro e desapareceu. Ouvi o som de passos sobre a pedra ali perto, como se uma terceira pessoa estivesse no pátio, e perguntei-me vagamente se seria Seth. Ou talvez o dono da quinta. Talvez um dos bêbados do Auld Shillelagh. Como estava concentrado em encontrar Tom Cobleigh, não prestei atenção.

Acocorei-me junto à parede do telheiro para escutar atentamente. Onde quer que Cobleigh estivesse, tinha parado de se mexer. Olhei para a esquerda e para a direita e apenas conseguia ver quintas, blocos pretos sobre a noite cinzenta, e apenas ouvia o balido esporádico de uma cabra

e o som dos insetos. Do outro lado da estrada ardiavam lanternas junto da janela, mas, de resto, a taberna estava em silêncio.

Então, no meio daquele silêncio quase esmagador, ouvi um barulho de gravilha do outro lado do edifício. Ele estava ali à minha espera.

Ponderei sobre as nossas posições. Ele estaria à espera que eu viesse a correr desenfreadamente daquele lado do telheiro. Então, muito lentamente e o mais silenciosamente possível, esgueirei-me na direção do canto oposto. Retraí-me quando as minhas botas perturbaram as pedras e rezei para que o barulho não se tivesse propagado. Depois, encostei-me silenciosamente à parede do edifício e, ao chegar à ponta, parei e escutei. Se estivesse certo, Tom Cobleigh estaria ali à minha espera do outro lado. Se estivesse errado, podia contar com uma faca na barriga.

Sustive a respiração, depois arrisquei espreitar para o outro lado do telheiro.

Tinha calculado bem. Ali estava Cobleigh no canto oposto. Estava de costas para mim empunhando uma faca. Estava à espera que eu aparecesse, um alvo fácil. Eu podia chegar até ele em três passos rápidos, enterrando a minha lâmina nas suas costas antes de ele sequer poder dar um peido.

Mas não. Queria-o vivo. Queria saber quem tinham sido os seus companheiros. Quem era o homem alto com o anel que tinha impedido Julian de me matar.

Por isso, desarme-o. Literalmente. Corri sobre ele e decepei-lhe o braço.

Ou pelo menos era essa a intenção. Mas a minha falta de experiência com a espada era demasiado evidente ou teria sido por a espada ser demasiado romba? De qualquer forma, ao desferir o golpe com as duas mãos sobre o antebraço de Tom Cobleigh, cortei a sua manga e a lâmina enterrou-se na sua carne, mas não decepou o braço. Ao menos largou a faca.

Cobleigh gritou e afastou-se. Agarrou no braço ferido que projetava sangue pela parede do telheiro e para o chão. Ao mesmo tempo vi um movimento na escuridão e lembrei-me do barulho que tinha ouvido, essa possível terceira pessoa. Era demasiado tarde. As sombras deram lugar a uma figura à luz da lua e vi um olhar vítreo debaixo do capuz, roupas de trabalho e umas botas que pareciam estranhamente limpas.

Pobre Tom Cobleigh. Nunca teve hipótese e basicamente recuou de encontro à espada do estranho, trespassado enquanto o recém-chegado empurrava a sua lâmina pelas suas costas saindo de frente pelo peito de tal forma que surgia a pingar a sangue. Tom olhou para a lâmina, deu um

grunhido como últimas palavras e o estranho fez um gesto para o lado com a espada, soltando-se o corpo e caindo pesadamente no chão.

Há aquele ditado, não é? “O inimigo do meu inimigo meu amigo é.” Qualquer coisa desse género. Mas há sempre uma exceção que confirma a regra e, no meu caso, este era hum homem num capuz com uma espada ensanguentada. O meu pescoço ainda doía da marca do seu anel. A minha cara ainda latejava dos seus murros. Não fazia ideia de qual o motivo para ter matado Tom Cobleigh e não queria saber. Em vez disso, com um rugido de guerreiro, lancei-me para a frente e as nossas espadas soaram como sinos pela noite silenciosa.

Ele digladiava-se com facilidade. Um. Dois. Do meu ímpeto já recuava, obrigado a defender-me confusa e desajeitadamente. Se eu era um espadachim inexperiente? Não era espadachim nenhum. Mais valia estar a empunhar um pau ou uma moca tendo em conta a minha falta de habilidade na espada. Fez-me um corte no braço com um golpe da ponta da espada e senti sangue quente a escorrer pelo meu braço e ensopar a manga antes de a força no meu braço da espada parecer esvair-se. Não estávamos a pelear. Já não era um combate. Ele estava a brincar comigo. A brincar comigo antes de me matar.

— Mostra a tua cara — disse eu ofegante, mas ele não respondeu. O único sinal de que sequer tivesse ouvido foi um pequeno sorriso no olhar. Depois, o arco da sua espada enganou-me e fui demasiado lento; não apenas um pouco lento, mas *tremendamente lento* para o impedir de me abrir um segundo golpe no braço.

Atingiu-me mais uma vez. E outra. Vim a aperceber-me desde então que me golpeava com a precisão de um médico, o suficiente para me ferir, mas não permanentemente. Era certamente o suficiente para me desarmar. E, no final, nem senti a espada fugir-me dos dedos. Apenas a ouvi cair no chão e olhei para baixo para a ver com o sangue do meu braço ferido a pingar sobre a lâmina.

Talvez eu esperasse que ele retirasse o capuz. Mas ele não o fez. Em vez disso, encostou a ponta da sua espada imediatamente abaixo do meu queixo e, com a sua outra mão, fez-me indicação para me ajoelhar.

— Não me conheces suficientemente bem se achas que vou acabar de joelhos, forasteiro — disse-lhe, sentindo-me estranhamente calmo face à derrota e à morte. — Se não te importas, vou permanecer de pé.

Ele respondeu num tom grave e monocórdico, provavelmente para se disfarçar:

— Não é hoje que vai ser o teu fim, Edward Kenway. É pena. Mas digo-te o seguinte. Se o “Emperor” velejar sem ti amanhã, esta noite é apenas o princípio para todos os que tiverem Kenway no nome. Parte

mal nasça o dia e não acontecerá mais nada de mal à tua mãe ou ao teu pai. Mas se esse navio partir sem ti, eles irão sofrer. Todos *vocês* irão sofrer. Estamos entendidos?

— E tenho eu direito a conhecer a identidade dos meus simpáticos inimigos? — perguntei.

— Não, não tens. Deves saber apenas que neste mundo há forças mais poderosas do que possas imaginar, Edward Kenway. Esta noite viste-as em ação. Sofreste às suas mãos. Faz com que isto seja o fim. Nunca regreses a estas paragens. E agora, Edward Kenway, *vais ajoelhar-te*.

A sua espada caiu sobre mim e o punho acertou-me na têmpora. Quando acordei estava no *Emperor*.

Pelo menos julgava que estava no *Emperor*. De qualquer forma, tinha esperança que assim fosse. E com a minha cabeça a latejar, levantei-me da minha cama de rede, pus as botas no convés e saí a voar para a frente.

A minha queda foi aparada... pela minha cara. Fiquei deitado no chão a gemer durante um minuto, perguntando-me porque me sentiria tão bêbado quando não me lembrava de ter bebido nada. Sem contar que, é claro, não estava bêbado.

Mas se não estava bêbado, porque estava o chão a mexer-se? Inclina-se para aqui e para ali e esperei um momento para que parasse até que me apercebi que o balouçar permanente era precisamente isso. Permanente. Não iria parar.

Endireitei-me com os pés instáveis a arrastarem-se e a dançarem na serradura, de mãos esticadas como um homem a tentar orientar-se numa viga de equilíbri-smo. O meu corpo ainda doía da sova que eu tinha levado, mas estava em recuperação; as minhas feridas tinham mais ou menos um dia.

Aquilo de que me apercebi a seguir foi do cheiro carregado no ar. Não, não era um cheiro. *Era um fedor.*

Oh, céus, se cheirava mal. Era uma mistura de merda, mijo, suor e água do mar. Um cheiro que vim a descobrir ser específico dos conveses inferiores de um navio. Tal como todos os talhantes e todas as tabernas têm o seu cheiro próprio, também o têm todos os conveses

inferiores. Aquilo que era mais assustador era a rapidez com que nos habituávamos.

O cheiro era a homens e o *Emperor* tinha cento e cinquenta desgraçados que, quando não estavam ocupados nos seus postos, pendurados nos cordames ou atafalhados na galé, dormiam agarrados aos carrinhos nos conveses dos canhões ou em redes semelhantes àquela onde eu tinha acordado.

Agora apenas conseguia ouvir um tripulante, a rir-se silenciosamente nas sombras quando o navio se balançou e eu fui atirado contra um suporte em madeira depois, com igual violência, atirado contra a coluna do lado oposto. Pés de marujo. Era o que lhes chamavam. Tinha de arranjar os meus pés de marujo.

— Estamos no *Emperor*? — disse eu para a penumbra.

O navio chiava. Tal como aos pés de marujo, teria de me habituar a isso.

— Sim, estás no *Emperor* — veio a resposta.

— Sou novo no navio — vociferei para a escuridão, agarrando-me ao que podia.

Com uma gargalhada rouca disse:

— Não me digas.

— Estamos a que distância de terra?

— A um dia. Trouxeram-te a dormir ou inconsciente. Demasiada bebida, digo eu.

— Foi algo do género — respondi, ainda a tentar segurar-me sem cair. Os meus pensamentos foram para o dia anterior, mas era como se estivesse a abrir uma ferida. Era demasiado cedo, demasiado doloroso. Precisava de compreender o que se tinha passado. Precisava de enfrentar a culpa e tinha cartas para escrever (relembrei-me com um renovado sentido de remorsos que teria sido impossível escrever essas cartas sem os ensinamentos de Caroline). Mas tudo isso teria de esperar até mais tarde.

Atrás de mim veio um som cortante e áspero. Virei-me e franzi os olhos na escuridão, mas quando se habituaram, conseguia ver um cabrestante. Em cima ouviam-se os passos e as vozes altas dos homens a trabalhar no convés superior. O cabrestante gemia, chiava e rodava.

“Icem” gritavam de cima. “Icem.” Apesar de tudo, esse som transformou-me novamente numa criança assombrada.

Olhei à minha volta. De ambos os lados havia as formas arredondadas dos canhões. Os seus canos brilhavam tenuemente no meio do escuro. Do outro lado do convés conseguia ver o sítio onde uma escada de corda estava pendurada desde um quadrado de luz do sol. Dirigi-me para lá, trepei para o tombadilho superior.

Percebi rapidamente como os meus camaradas tinham ganho os seus pés de marujo. Não só se vestiam de maneira diferente à dos homens em terra — com casacos curtos, camisas aos quadrados, calções longos e de lona — mas também tinham uma forma diferente de andar. Todo o seu corpo se parecia mover com o navio, algo que acontecia de uma forma completamente instintiva. Passei os meus primeiros dias a bordo a ser atirado de pilar para poste devido à ondulação debaixo dos nossos pés e tive de me habituar ao som dos risos sempre que caía estatelado no convés.

Mas rapidamente aprendi a andar com o movimento da água e do *Emperor*, assim que me habituei ao cheiro dos conveses inferiores, do constante chiar do casco e da sensação que o mar inteiro estava contido por umas meras tábuas de madeira e camadas de calafetagem. Rapidamente estava a andar como qualquer outro homem a bordo.

Os meus camaradas estavam bronzeados do sol, sem exceção. A sua maioria usava cachecóis ou lenços soltos à volta do pescoço, tinha tatuagens, barbas e usava brincos de ouro. Havia tripulantes mais velhos a bordo, com caras castanhas e enrugadas do tempo como velas derretidas. O seu olhar era apreensivo, mas a maioria eram cerca de dez anos mais velhos que eu.

Cedo descobri que vinham de todo o lado: de Londres, da Escócia, de Gales, do Sudoeste de Inglaterra. Muitos eram negros, cerca de um terço; alguns eram escravos fugidos que encontraram a liberdade no mar ao serem tratados como iguais pelo seu capitão e camaradas, ou melhor, tratados ao mesmo nível da restante escumalha pelo capitão e camaradas. Também havia homens das colónias Americanas, de Boston, Charleston, Newport, Nova Iorque e Salem. A maioria parecia andar constantemente armada: com sabres, punhais, pistolas de pederneira. Parecia que tinham sempre mais do que uma pistola, o que rapidamente percebi tal ser devido ao perigo de que a primeira não disparasse por causa da carga estar molhada.

Gostavam de beber rum, eram quase inacreditavelmente ordinários na maneira de falar e na forma como falavam de mulheres, e a coisa de que mais gostavam era de uma discussão inflamada. Mas aquilo que os unia a todos eram os artigos e leis do capitão.

Ele era escocês. O capitão Alexander Dolzell. Um homem grande que raramente sorria. Seguia os artigos do navio e a sua coisa favorita era lembrar-nos deles. De pé no convés do castelo de popa, com as mãos no corrimão connosco reunidos no tombadilho, convés principal e castelo de proa, avisava-nos que se algum homem adormecesse em serviço seria coberto de alcatrão e penas. Qualquer homem que fosse descober-

to com outro homem seria castigado com castração. Não se podia fumar nos conveses inferiores. Não se podia mijar no lastro (e, é claro, já te disse que levei esse artigo em particular para o meu próprio comando).

No entanto eu era verde e novo no navio. Nessa fase da minha carreira não me parece que me tenha sequer passado pela cabeça quebrar as regras.

Rapidamente me comecei a habituar ao ritmo de vida no mar. Achei os meus pés de marujo, aprendi que lado do navio usar conforme o vento e comer com os cotovelos na mesa para impedir que o meu prato deslizesse. Os meus dias consistiam em ser colocado de vigia ou em turnos de guarda. Aprendi a sondar as águas pouco profundas e apanhei o básico da navegação. E aprendi a escutar a tripulação que, quando não estavam a contar histórias exageradas de batalhas contra os espanhóis, adoravam partilhar pérolas de sabedoria náutica: “vermelho quando anoitece, o marinheiro agradece. Vermelho de madrugada, tripulação preocupada.”

O tempo. Os ventos. Éramos escravos perante eles. Quando corria mal, o ambiente normalmente alegre era substituído por concentração sombria, pois o trabalho quotidiano de manter o barco à tona tornava-se uma questão de sobrevivência debaixo de furacões. Agarrávamos num pedaço de comida entre cuidar das velas, remendar o casco e bombear água. Era tudo feito com a concentração silenciosa e desesperada de homens a trabalharem para salvarem as próprias vidas. Nessas alturas era esgotante, fisicamente desgastante. Mantinham-me acordado, mandavam-me trepar os aprestos ou trabalhar nas bombas nos conveses inferiores e qualquer momento de sono era roubado nos conveses inferiores, aninhado contra o casco.

Depois, o tempo melhorava e a vida voltava ao normal. Ao observar as atividades dos tripulantes mais velhos, a forma como bebiam, jogavam e se metiam com as mulheres, apercebi-me o quão brandas tinham sido as minhas próprias aventuras em Bristol. Alguns daqueles que eu costumava encontrar nas tabernas do Sudoeste achavam-se bêbados rijos e prontos para uma luta. Quem me dera que eles pudessem estar ali para ver os meus camaradas em ação. Havia brigas por tudo e por nada. Sacavam-se de facas. Fazia-se sangue. Na minha primeira noite no mar, ouvi mais ossos a partirem do que em todos os meus dezassete anos de vida. E convém não esquecer que cresci em Swansea e Bristol.

No entanto, a violência dissipava-se tão rápido como se tinha incendiado. Os homens que, momentos antes empunhavam lâminas contra as gargantas uns dos outros faziam as pazes com uma rodada de vigorosos abraços que pareciam quase tão dolorosos como a luta em si, mas que pareciam cumprir o efeito desejado. Os artigos diziam que todas as bri-

gas dos homens deviam acabar em terra ou pela espada ou pela pistola num duelo. É claro que ninguém queria isso. Um desentendimento era uma coisa, a hipótese de morrer era outra completamente diferente. Então, as lutas tinham a tendência para acabarem tão rápido como tinham começado. Os ânimos incendiavam-se, depois acalmavam-se.

Por isso, as discussões genuínas a bordo eram poucas e raras. Assim, foi meu azar ser alvo de uma delas.

Apercebi-me disso pela primeira vez no meu segundo ou terceiro dia a bordo, porque me virei ao sentir um olhar penetrante nas minhas costas e retorqui com um sorriso. Era um sorriso afável, ou pelo menos pensava eu. Mas o que para um homem é um sorriso afável, para outro é um ar de gozo e apenas consegui enfurecê-lo ainda mais. Olhou para mim com raiva.

No dia seguinte, ao atravessar o tombadilho, fui atingido por um cotovelo com tanta força que caí de joelhos. Quando olhei para cima à espera de ver uma cara a sorrir de me ter apanhado, apenas vi sorriso amarelo desse mesmo homem a olhar sobre o ombro a caminho do seu posto. Era um homem grande. Não era do género que se queira contrariar. No entanto parecia que eu o tinha contrariado.

Mais tarde falei com Sexta-Feira, um marinheiro negro que muitas vezes tinha a sua cama de rede perto da minha. Quando descrevi o homem que me atirara ao chão, ele percebeu logo a quem me referia.

— Esse é Blaney.

Blaney. Era o único nome que o ouvia chamarem. E, infelizmente — ou seja, infelizmente para mim — Blaney odiava-me. Odiava-me de morte.

Talvez existisse um motivo. Já que nunca tínhamos falado um com o outro, não podia ser um motivo particularmente bom, mas o importante era o que estava na cabeça de Blaney que, contas feitas, era a única coisa que contava. Isso e o facto de Blaney ser grande e, segundo Sexta-Feira, hábil com a espada.

Já deves ter adivinhado que Blaney era um dos cavalheiros naquela noite em que eu cheguei cedo para a largada do *Emperor*. Agora deves estar a pensar que ele era um daqueles com quem eu falei, que estava pronto para me dar uma lição pela minha imprudência.

Bom, não, se achaste isso, enganaste-te. Blaney era um dos outros homens sentados nos barris a jogar cartas. Um homem simples e rude, com o que se pode chamar de testa saliente e sobrancelhas espessas que estavam permanentemente juntas, como se estivesse sempre confuso com alguma coisa. Mal tinha reparado nele naquela noite e, pensando agora nisso, talvez fosse essa a razão para ele estar tão enfurecido;

talvez tenha sido aí que nasceu o seu ódio: tinha-se sentido ignorado por mim.

— O que poderá ele ter contra mim? — perguntei, ao que Sexta-Feira apenas podia responder com um encolher de ombros e um murmúrio:

— Ignora-o — e fechou os olhos para mostrar que a nossa conversa tinha acabado.

Então ignorei-o.

É óbvio que isto enfureceu Blaney ainda mais. Blaney não queria ser ignorado. Blaney queria que reparassem nele. Queria ser temido. A minha falha em ter medo de Blaney, bom, avivou o seu ódio por mim.

Entretanto, havia outras coisas em que pensar. Por exemplo, havia o rumor pela tripulação que o capitão se sentia excluído dos despojos. Há dois meses que não havia ataques, não tínhamos ganho nem meio *penny* e havia murmúrios de descontentamento, na maioria vindos do seu camarote. Tornou-se do conhecimento de todos que o nosso capitão achava que estava a cumprir com a sua parte, mas não recebia nada em troca.

“Qual era a troca?” perguntas tu. Bom, enquanto corsários, garantíamos uma presença a Sua Majestade. Era como se fôssemos soldados não recrutados na sua guerra contra os espanhóis. É claro que em troca tínhamos a permissão de atacar os navios espanhóis impunemente, o que queria dizer sempre que nos dava na gana, e era exatamente isso que acontecia desde sempre.

No entanto, havia cada vez menos navios espanhóis no mar. Quando estávamos atracados, começámos a ouvir rumores que a guerra pudesse estar a chegar ao fim, que seria assinado um tratado em breve.

No entanto, tinha de se dar crédito ao capitão Dolzell por ter visão e ver para onde corriam as marés. Com a nossa exclusão dos espólios, decidiu levar-nos por um caminho que estava fora dos trâmites das nossas cartas de corso.

Trafford, o imediato, estava de pé ao lado do capitão Dolzell, que removeu o seu tricórnio e limpou o suor da testa, voltando a colocá-lo antes de se dirigir a todos nós.

— Este ataque vai tornar-nos ricos, rapazes. Os vossos bolsos vão rebentar. Mas tenho de vos avisar, e estaria a falhar com os meus deveres de capitão se não o fizesse. Esta é uma façanha muito arriscada.

“Arriscada”. Sim, o risco de sermos capturados, castigados e morrer-mos com um esticão da forca.

Tinham-me contado que os intestinos dos enforcados se abriam. Os calções de um pirata eram atados pelos tornozelos para evitar que a merda caísse. Aquilo que me assustava mais que o resto era a indignidade disso. Não era como eu queria que Caroline me recordasse, pendurado por uma corda a tresandar a merda.

Não deixei Bristol para me tornar um foragido da lei, um pirata. E se ficasse com o navio e seguíssemos com o plano do capitão, então é o que eu seria. Teríamos certamente as forças conjuntas dos próprios soldados da Companhia das Índias Orientais mais a marinha de Sua Majestade atrás de nós.

Não, eu não me tinha alistado para corsário para me tornar num pirata mas, ao mesmo tempo, se alguma vez quisesse ir para casa, não o podia fazer sem dinheiro. Tinha a ideia de que, se voltasse com riqueza, poderia pagar o prémio da minha cabeça, que satisfizesse os meus inimigos.

Por isso não, não me tinha alistado para ser um pirata. O dinheiro que ganhasse teria de ser ganho dentro da lei.

E por favor para de gozar. Eu sei quão ingénuo isto parece. Mas nessa altura ainda tinha sangue na guelra e a cabeça cheia de sonhos. Então, quando o capitão fez a sua proposta, quando disse que sabia que nem todos a bordo iriam querer fazer parte de coisas ruins, que todos aqueles que não quisessem fazer parte delas teriam de o dizer agora ou calarem-se para sempre para que ele providenciasse passagem para fora do navio, dei um passo em frente.

Sexta-Feira impediu-me discretamente com a sua mão. Não olhou para mim. Apenas me impediu de avançar enquanto olhava em frente. Do canto da boca disse “espera” e não tive que esperar muito para perceber porquê. Cinco marinheiros tinham avançado, homens honestos que não queriam ter nada que ver com pirataria. Com uma palavra do capitão, o imediato atirou borda fora estes cinco homens honestos.

Decidi ali mesmo manter o bico calado. E aquilo que decidi em vez disso foi o seguinte: iria seguir o capitão, mas apenas até determinada altura. Iria segui-lo, receber o meu quinhão do dinheiro que fizéssemos e depois desertava. Depois de desertar, juntar-me-ia a outros corsários — afinal de contas, já era um marinheiro com experiência — e negava alguma vez ter estado no *Emperor* quando este crime terrível fora cometido.

No que toca a planos, este não era particularmente sofisticado. Tenho de admitir que tinha as suas falhas. No entanto, encontrava-me novamente entre a espada e a parede, sem que nenhuma das minhas opções fosse especialmente atrativa.

À medida que as súplicas dos homens atirados borda fora se dissipavam atrás de nós, o capitão prosseguiu para delinear os seus planos de pirataria. Não chegou ao ponto de sugerir que atacássemos a Marinha Real, isso teria sido suicídio. Em vez disso, ele sabia de um alvo ao longo da costa ocidental de África. Assim, a janeiro de 1713, foi para lá que o *Emperor* se dirigiu.

Janeiro de 1713

À medida que navegávamos pelas ilhas largávamos âncora numa baía Aresguardada ou num estuário de um rio e os homens eram enviados para terra à procura de mantimentos: madeira, água, cerveja, vinho, rum. Podíamos ficar aí durante dias e passávamos o tempo a apanhar tartarugas para comer ou dar tiros aos pássaros ou à caça de gado, cabras ou porcos se possível.

Uma vez tivemos que carenar o *Emperor*, o que implicava levá-lo para terra e depois usar troncos de madeira para o virar. Usávamos tochas em chamas para queimar as algas e as lapas, calafetávamo-lo e substituíamos as tábuas apodrecidas, tudo sob a supervisão do carpinteiro do navio, que costumava ansiar por estas ocasiões. Na verdade não era nenhuma surpresa, porque também aproveitávamos para fazer reparações aos mastros e às velas, logo ele tinha o gosto de dar ordens tanto ao contramestre como ao primeiro e segundo imediatos, que não tinham outra escolha senão fecharem a boca e fazerem as suas tarefas.

Eram dias felizes: a pescar, a caçar, a tirar prazer do desconforto dos nossos superiores. Era quase uma desilusão ter de embarcar novamente. Mas embarcávamos.

O navio de que estávamos à procura era um navio mercante da Companhia das Índias Orientais e fomos ao encontro dele à costa de África ocidental. Tinham havido muitos murmúrios nos conveses inferiores relativamente à sensatez da aventura. Sabíamos que ao atacar uma nau com tanto prestígio iria fazer de nós homens procurados. Mas o

capitão dissera que havia apenas três navios de guerra e duas corvetas a patrulhar todo o Mar das Caraíbas e que se dizia que o *Amazon Galley*, o navio da Companhia das Índias Orientais, estava carregado com tesouros. Se parássemos o *Galley* em águas abertas, longe da costa, seríamos capazes de saquear o navio à vontade e fugir sem sermos apanhados.

Perguntei-me em voz alta se a tripulação do *Galley* não seria, no entanto, capaz de nos identificar. Não iriam contar à Marinha que tinham sido atacados pelo *Emperor*? Sexta-Feira olhou logo para mim. Não gostei do olhar que ele me deu.

Encontrámo-lo no terceiro dia de caça.

— Navio à vista! — veio o grito de cima. Estávamos habituados a ouvi-lo, por isso não ficámos com esperanças. Limitámo-nos a ver o capitão e o contramestre conferenciarem. Instantes depois já tinham confirmado de que se tratava do *Galley* e cruzámos as águas na sua direção.

Ao nos aproximarmos, levantámos um estandarte vermelho, a bandeira britânica e, tal como o esperado, o *Galley* permaneceu onde estava, julgando que éramos corsários do lado deles.

O que “teoricamente” éramos.

Os homens engatilharam as pistolas e verificaram as espadas. Foram preparados os ganchos de embarque e os canhões. Ao nos aproximarmos de flanco e a tripulação do *Galley* perceber que estávamos preparados para a batalha, estávamos suficientemente perto para ver as suas bocas caírem e o pânico galopar pelo navio fora como uma égua assustada.

Obrigámo-los a adernar para nós. Os nossos homens correram para as amuradas onde se prepararam para a ação, apontando as pistolas, segurando nos canhões rotativos ou de sabres desembainhados e os dentes à mostra. Eu não tinha nenhuma pistola e a minha espada era uma velharia enferrujada que o contramestre tinha encontrado no fundo de um baú, mas não havia problema. Estava apertado no meio de homens com o dobro da minha idade, mas dez vezes mais ferozes e dei o meu melhor para franzir com tanta ferocidade como eles. Tentei parecer igualmente selvagem.

Os canhões inferiores estavam apontados contra o *Galley* no lado oposto. Com uma ordem dispararíamos uma salva de balas que era o suficiente para partir aquela embarcação ao meio e enviá-los a todos para o fundo do mar. Na cara de toda a sua tripulação estava presente a mesma expressão aterrorizada e acobrinhada. Era o olhar de homens apanhados, que agora enfrentavam as consequências terríveis.

— Que o vosso capitão se identifique — gritou o nosso imediato sobre a abertura que havia entre os nossos dois navios. Tirou uma am-

pulheta e bateu com ela no corrimão das amuradas. — Enviem o vosso capitão antes que a areia se acabe, ou teremos que abrir fogo.

Demoraram até quase acabar o tempo, mas ele apareceu finalmente no convés, vestido em toda a sua fineza e fitando-nos com aquilo que ele tinha esperança de ser um ar desafiador; o que não disfarçava a trepidação nos seus olhos.

Ele fez o que lhe mandaram. Seguiu as instruções, ordenou que fosse lançado um barco à água, depois subiu a bordo e foi trazido a remar até ao nosso navio. Secretamente, não podia de deixar de sentir uma certa pena por ele. Colocou-se à nossa mercê para proteger a sua tripulação, o que era admirável, e vinha de cabeça erguida quando, ao trepar do seu barco pela escada de corda, foi gozado pelos homens responsáveis nos canhões do navio no convés inferior. Depois, foi violentamente agarrado pelos ombros e puxado por cima do corrimão das amuradas até ao tombadilho.

Quando foi posto de pé, afastou violentamente as mãos dos homens que o agarravam, atirou os ombros para trás e, ajustando o seu casaco e punhos das mangas, exigiu falar com o nosso capitão.

— Sim, estou aqui — gritou Dolzell, que desceu do castelo de popa com Trafford, o primeiro imediato logo a seguir.

O capitão envergava o seu tricórnio com um lenço na cabeça por baixo do chapéu e o seu sabre em riste.

— Qual é o seu nome, capitão? — disse ele.

— O meu nome é Capitão Benjamin Pritchard — respondeu azedamente o capitão mercante —, e exijo saber o que significa isto.

Esticou-se ao máximo, mas não estava à altura de Dolzell. Poucos havia que o estivessem.

— O *significado* disto — repetiu Dolzell. O capitão fez um sorriso amarelo, possivelmente a primeira vez que o vira sorrir. Olhou à volta dos seus homens reunidos no convés e uma risada cruel correu pela nossa tripulação.

— Sim — disse o Capitão Pritchard simplesmente. Falava com um sotaque de classe alta. Estranhamente, lembrei-me de Caroline. — é exatamente o que quero dizer. O senhor não sabe que o meu navio é propriedade e operado pela Companhia Britânica das Índias Orientais e que usufruímos da total proteção da Marinha de Sua Majestade?

— Tal como nós — retorquiu Dolzell. Ao mesmo tempo, apontou para o estandarte vermelho que esvoaçava no cimo da vela principal.

— Parece-me que desistiu desse privilégio no instante em que nos mandou parar com armas apontadas a nós. A não ser que tenha um excelente motivo para o ter feito, é claro.

— Tenho sim.

Olhei para o outro lado, onde a tripulação do *Galley* estava sob a ameaça das nossas armas, mas tão absorta como nós próprios pelo que se estava a passar no convés. Não se ouvia uma mosca. O único som era o bater do mar nos cascos dos nossos navios e o sussurrar da brisa nos nossos aprestos e cordames.

O capitão Pritchard estava surpreendido:

— Tem um bom motivo?

— Tenho.

— Estou a ver. Então talvez devêssemos ouvi-lo.

— Sim, capitão Pritchard. Obriguei a vossa embarcação a adernar para que os meus homens possam saqueá-la de todos os seus valores. Sabe, os proveitos no mar têm sido muito escassos ultimamente. Os meus homens têm andado inquietos. Perguntam-se como serão pagos nesta viagem.

— O senhor é um corsário — retorquiu o capitão Pritchard. — Se continuar por este caminho, vai transformar-se num *pirata*, um homem procurado — dirigiu-se a toda a tripulação. — *Todos vocês* serão homens procurados. A Marinha de Sua Majestade irá caçar-vos e prender-vos. Serão enforcados na Doca das Execuções e os vossos corpos serão acorrentados em Wapping. É mesmo isso que querem?

A mijar-nos enquanto morremos. A tresandar a merda, pensei eu.

— Segundo ouvi, Sua Majestade está prestes a assinar tratados com os espanhóis e com os portugueses. Os meus préstimos enquanto corsário vão deixar de ser precisos. Que caminho acha que vou tomar nessa altura?

O capitão Pritchard engoliu em seco, pois não havia resposta para isso. E agora, pela primeira vez, vi o capitão Dolzell a sorrir verdadeiramente, o suficiente para mostrar uma boca cheia de dentes partidos e negros, qual cemitério saqueado.

— Agora, senhor, e que tal se nos retirássemos para discutir sobre o local dos tesouros que possa ter a bordo?

O capitão Pritchard estava prestes a queixar-se, mas Trafford já estava a avançar para o agarrar empurrando-o pelos degraus acima e para dentro da sala de navegação. Entretanto, os homens viraram a atenção para a tripulação do navio oposto, onde reinava um silêncio apreensivo e ameaçador.

Então, começámos a ouvir os gritos.

Saltei, os meus olhos foram para a porta do camarote onde eles tinham entrado. Olhei subitamente para Sexta-Feira e vi que também ele estava de olhos postos na porta da sala de navegação, com um ar insondável.

— O que se está a passar? — perguntei.

— Xiu. Baixa o tom de voz. O que achas que se está a passar?

— Estão a torturá-lo?

Rebolou os olhos.

— Do que estavas à espera, de rum e *pickles*?

Os gritos continuaram. No outro navio, as caras dos homens tinham mudado. Um segundo antes olhavam para nós com raiva, malignamente, como se estivessem a fazer tempo até lançarem um contra-ataque astuto. Como se fôssemos canalhas e patifes prestes a ser chicoteados como os cães sarnentos que éramos. Agora a única coisa que traziam nos olhos era horror — horror que fossem eles a seguir.

Foi estranho. Senti-me ao mesmo tempo envergonhado e destemido pelo que se estava a passar. Já tinha provocado a minha conta de dor e deixado amarguras pelo meu caminho, mas nunca tinha sido capaz de aceitar crueldade gratuita. Dolzell teria dito: “Não é gratuita, rapazote, era para descobrir onde estava escondido o tesouro.” Mas estaria a dizer uma meia-verdade. Na realidade, assim que os nossos homens abordaram a embarcação deles, teriam localizado rapidamente qualquer saque que houvesse a bordo. Não, o verdadeiro objetivo de torturar o capitão era a mudança nas caras dos homens que estavam do outro lado. Era para espalhar medo na sua tripulação.

Depois, após não sei quanto tempo, talvez mais ou menos um quarto de hora, quando os gritos atingiram o seu auge, quando o gozo desumano dos meus camaradas se tinha esgotado e quando o homem mais impiedoso se começava a perguntar se, talvez, não se tivesse infligido já dor que bastasse por um dia, a porta da sala de navegação escancarou-se. Surgiram Dolzell e Trafford.

Com um ar sombrio de satisfação, o capitão olhou para os homens no nosso próprio navio e depois para as caras apreensivas da outra tripulação, até que apontou e disse:

— Tu, rapaz.

Estava a apontar para mim.

— S-sim, senhor — gaguejei.

— Vem para o camarote, rapaz. Guarda o capitão enquanto descobrimos o que vale a sua informação. Tu também — estava a apontar para outra pessoa. Não vi quem era pois apressava-me para a frente do tombadilho, chocando contra uma onda de gente que se dirigia para as amuradas e se preparava para abordar o outro navio.

Então tive o primeiro de dois choques ao entrar na sala de navegação e ver o capitão Pritchard.

O camarote tinha uma grande mesa de jantar que tinha sido en-

costada a um canto. O mesmo tinha sido feito à mesa do contramestre, sobre a qual estavam os instrumentos de navegação, mapas e cartas.

No meio do camarote, o Capitão Pritchard estava sentado amarrado a uma cadeira, com as mãos atadas atrás das costas. Pairava um cheiro salobro na cabine que eu não conseguia identificar.

O capitão Pritchard estava com a cabeça descaída, com o queixo junto ao peito. Ao ouvir a porta, levantou a cabeça e focou os seus olhos turvos e condoídos em mim.

— As minhas mãos — gemeu. — Que fizeram às minhas mãos? — Antes de eu conseguir descobrir, tive a minha segunda surpresa quando o meu colega de cárcere entrou e não era nem mais nem menos que Blaney.

Merda. Fechou a porta atrás dele. Olhou para mim, para o Capitão Pritchard ferido e de volta para mim.

Lá fora ouviam-se os gritos da nossa tripulação a prepararem-se para abordar o outro navio, mas parecia que estávamos separados deles, como se estivesse a acontecer muito longe e envolvesse pessoas desconhecidas. Fitei Blaney enquanto me dirigi para as costas do capitão onde estavam as mãos atadas atrás das costas. E apercebi-me de onde vinha o cheiro. Era o cheiro a carne queimada.

Dolzell e Trafford tinham metido rastilhos acesos entre os dedos do Capitão Pritchard para o fazerem falar. Havia uma quantidade deles no chão, bem como um frasco de algo que, quando fui cheirar, me pareceu ser salmoura que usaram para meterem nas feridas e as tornarem mais dolorosas.

Tinha as mãos com bolhas, chamuscadas de preto em alguns lugares, em carne viva e a sangrar noutros, como carne martelada.

Procurei por um jarro de água, ainda com cautela de Blaney, perguntando-me por que razão não se tinha ele mexido, por que não tinha falado.

Ele acabou com o meu sofrimento, dizendo:

— Muito bem — disse roucamente — encontramo-nos juntos.

— Sim — respondi secamente. — Que sorte, não é, camarada?

Vi uma jarra de água na mesa comprida e dirigi-me para ela.

Ele ignorou o meu sarcasmo:

— E o que estás a fazer ao certo?

— Estou a ir buscar água para meter nas feridas deste homem.

— O capitão não disse nada sobre tratarmos das feridas do prisioneiro.

— Homem, não vês que ele está com dores?

— Não falas assim comigo, meu traste — ripostou Blaney com uma ferocidade que me deu um arrepio na espinha.

No entanto, não ia dar parte fraca. Cheio de audácia. Sempre duro do lado de fora.

— Parece que te estás a preparar para uma briga, Blaney.
Esperava que tivesse soado mais confiante do que me sentia.

— Sim, talvez o esteja.

Ele tinha um par de pistolas no cinto e um sabre ao peito, mas o brilho que parecia ter aparecido na sua mão do nada era um punhal curvo. Engoli em seco.

— Qual é a tua ideia, Blaney, com o navio prestes a montar um ataque e nós os dois aqui a guardar o capitão? Não sei o que tens contra mim, que género de raiva guardas, mas lamento porque vai ter de ser resolvido noutra altura, a não ser que tenhas uma ideia melhor.

Quando Blaney sorriu, reluziu um dente de ouro.

— Oh, eu tenho outras ideias, rapazote. A ideia de que talvez aqui o capitão tenha tenta tentado fugir e te matou pelo caminho. Ou e que tal esta outra ideia? Uma ideia de que foste *tu* a ajudar o capitão. Que desamarraste o prisioneiro, tentaste fugir e fui eu que te impedi, matando-vos aos dois pelo caminho. Acho que gosto ainda mais dessa ideia. O que achas?

Percebia-se que ele falava a sério. Blaney tinha andado a contar os minutos. Sem dúvida que queria evitar as chicotadas que receberia se me batesse. Mas agora tinha-me onde ele queria.

Então aconteceu algo que me orientou. Ajoelhei-me para tratar do capitão e uma coisa chamou a minha atenção. O anel que ele estava a usar. Era um anel de sinete grosso e tinha um símbolo que eu reconheci.

No dia em que eu acordara no *Emperor* achei uma lupa nos conveses inferiores e inspecionei as minhas feridas. Tinha cortes, nódoas negras e arranhões; parecia aquilo que era: um homem que tinha levado uma tarefa. Uma das marcas era de quando eu levava um murro do homem encapuzado. O seu anel deixara a sua marca na minha pele. Era um símbolo de uma cruz.

Agora via esse mesmo símbolo no anel do Capitão Pritchard.

Apesar do desconforto do pobre homem, não me contive.

— O que é isto?

O meu tom de voz, ligeiramente agressivo e alto, foi o suficiente para levantar suspeitas em Blaney, que se afastou da porta fechada do camarote e avançou mais para dentro da sala para poder ver.

— O que é o quê? — dizia Pritchard, mas por esta altura Blaney já tinha chegado até nós. E também ele tinha visto o anel, mas o seu interesse não era tanto no seu significado, mas no seu valor. Sem hesitar e ignorando as dores de Pritchard, agachou-se e puxou-lho do dedo, esfolando ao mesmo tempo a pele queimada e chamuscada do dedo.

Os gritos do capitão demoraram algum tempo a acalmar e, quando

isso aconteceu, a sua cabeça pendia sobre o peito e um fio comprido de saliva pingava para o chão do camarote.

— Dá-me cá isso — disse eu a Blaney.

— Por que havia eu de te dar isto?

— Vamos lá, Blaney — comecei. Então ouvimos algo. Era um grito lá fora.

— Barco à vista!

Não era que a nossa rivalidade tivesse sido esquecida, antes foi posta de lado por um segundo quando Blaney disse:

— Espera aqui — e, apontando com o punhal, saiu da sala para ver o que se estava a passar.

A porta aberta emoldurava um cenário de pânico lá fora e, ao inclinar-se o navio, fechou-se violentamente. Tirei os olhos da porta para ver o capitão Pritchard agora a gemer em dores. Eu nunca quisera ser um pirata. Era um pastor de ovelhas de Bristol. É verdade que era um homem à procura de aventura. Mas era pelos caminhos certos, não pelos errados. Eu não era um criminoso nem um fora-da-lei. Nunca quis fazer parte da tortura de homens inocentes.

— Solta-me — disse o capitão numa voz seca e condoída — posso ajudar-te. Posso garantir-te um perdão.

— Só se me falares do anel.

O Capitão Pritchard abanava a cabeça de um lado para o outro, como se tentasse afastar a dor.

— O anel, qual anel...? — dizia confuso, tentando perceber porque raio estaria este grumete a perguntar por uma coisa tão irrelevante.

— Um homem misterioso que eu tenho por meu inimigo usava um anel tal como o teu. Preciso de saber o que significa.

Recompôs-se. A sua garganta estava ressequida, mas controlou a voz.

— Significa um grande poder, meu amigo, um grande poder que pode ser usado para te ajudar.

— E se esse grande poder estava a ser usado contra mim?

— Isso também se pode resolver.

— Acho que já foi usado contra mim.

— Liberta-me e posso usar a minha influência para descobrir isso por ti. Seja qual for o mal que te tenha sido feito, eu posso corrigi-lo.

— Tem a ver com a mulher que eu amo. E alguns homens poderosos.

Aquilo que ele disse a seguir fizera-me lembrar de algo que o homem encapuzado dissera naquela noite na quinta:

— Há homens poderosos e homens poderosos. Juro pela Bíblia, ra-

paz, que qualquer que seja o que te faz sofrer pode ser resolvido. Seja qual for o mal que te tenham feito, pode corrigir-se.

As minhas mãos já estavam a remexer nos nós das suas amarras mas, no momento em que as cordas se soltaram e deslizaram para o chão do camarote, a porta escancarou-se. À porta estava o capitão Dolzell. Tinha um ar tresloucado. A sua espada estava desembainhada. Atrás dele havia uma grande confusão. Os homens que, momentos antes, estavam prontos para abordar o *Amazon Galley* tão organizados numa unidade de combate como seria de esperar de corsários, estavam agora subitamente num caos.

O capitão Dolzell proferiu apenas uma palavra, mas foi o suficiente. A palavra era “*Corsários.*”